PQ
1811
P63L8
1843

Class PQ 1811
Book .P2 C8
1843

3564
5489

TRADUCÇÃO LIVRE

DAS

MELHORES FABULAS DE LA FONTAINE.

TRADUCÇÃO LIVRE

das

MELHORES FABULAS

DE LA FONTAINE,

POR

Belchior Manoel Curvo Semmedo

Torres de Sequeira

Entre os Arcades

BELMIRO TRANSTAGANO.

SEGUNDA IMPRESSÃO.

Accrescentada com a noticia Biografica do Autbor.

LISBOA.

TYP. DE L. C. DA CUNHA.

Costa do Castello N.° 15.

1843.

PQ1811
.P63C8
1843

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus;
Nam neque chorda sonum redit quam vult manus, et mens.

Hor. Art. Poet. v. 345.

387270
'29

LC Control Number
tmp96 031342

AMK 28 O 3/

NOTICIA BIOGRAFICA

DO

AUTHOR.

Belchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Sequeira, Cavalleiro na Ordem de Nossa Senhora da Conceição, e Professo na de Nosso Senhor Jesus Christo, Fidalgo da Casa Real com exercicio, Servidor da Toalha, nasceo na Villa de Monte Mór o Novo em 15 de Março de 1766; era filho de Francisco Ignacio Curvo Semmedo Torres de Sequeira, e de D. Marianna Barbara Freire de Andrade de Villa Lobos e Vasconcellos, de huma das mais distinctas Familias da referida Villa; neto de Manoel José Curvo Semmedo, Fidalgo da Casa de S. M. e de João Freire de Andrade Mestre de Campo, Alcaide Mór, e Capitão Mór na mesma Villa de Monte Mór o Novo; contando sempre huma serie não interrompida de Avós Illustres

desde o principio da Monarchia, pois descende de D. Paio Curvo, Rico Homem no Reinado de El-Rei D. Affonso Henriques, e de D. Egas Moniz, Aio do mesmo Rei. (1)

Desde os seus mais tenros annos deo provas do seu raro Talento, e Estro pouco commum, que depois o fez conhecer por hum dos mais insignes Poetas do seu tempo: Applicou-se ao estudo das Mathematicas nas Academias de Fortificação, e Marinha desta Cidade de Lisboa; onde se distinguio tanto, que alcançou os premios em todos os seus actos; sendo promovido

(1) A antiguidade e Nobreza desta Familia se pode vêr mais extensamente no Livro 2.° do Chronista Mór de Castella e Indias D. Luiz Salazar de Castro: No Nobiliario de D. Pedro, Filho de El-Rei D. Diniz, ordenado por João Baptista Lavanha, Chronista Mór deste Reino em 1640: No Theatro Genealogico de Manoel de Sousa Moreira em 1693: Na Monarchia Lusitana do Doutor Fr. Antonio Brandão, e Fr. Francisco Brandão. etc.

ao Posto de Segundo Tenente do Real Corpo dos Enginheiros, foi encarregado de levantar a Carta Corografica do Reino, e de outras Commissões importantes do serviço, que desempenhou com plena approvação. Com tão vantajosos precedentes, por certo seria hum dos Officiaes mais peritos, e de mais merecimento da sua Arma, se negocios muito importantes da sua Casa, não o obrigassem a deixar o serviço militar, pedindo a sua reforma, que obteve em Capitão.

Não só foi eminente nas Sciencias Abstractas, mas igualmente se destinguio nas Naturaes e Bellas-Artes, como testeficão as suas Composições Poeticas, das quaes imprimio dois volumes em 1803, e outro em 1817, e as annotações que fez aos seus Dityrambos, bastarião a mostrar a sua vasta lição, se grande parte destas Composições premiadas pela Academia Real das Sciencias, e outras inseridas no Parnaso Lusitano, compilação das melhores Poesias Portuguezas, não attestassem o seu tão raro engenho.

Casou duas vezes: A primeira em 1799 com D. Maria José Loduvice de Santa Barbara e Moura, Filha de Joaquim José Ferreira de Santa Barbara e Moura, Fidalgo da Casa de S. M. e Senhor do Morgado de Santa Barbara, e de D. Anna Rosa Loduvice; neta do Conselheiro da Fazenda Francisco de Santa Barbara e Moura, Fidalgo Cavalleiro, e de João Pedro Loduvice, Fidalgo da Casa Real, e Escrivão da Camara de S. M. na Repartição das Justiças, e despacho da Mesa do Desembargo do Paço. A segunda em 1809 com D. Gertrudes de Portugal da Silveira, filha de D. Antonio Ignacio da Silveira, Moço Fidalgo com accrescentamento a Fidalgo Escudeiro; e neta de D. Braz Balthazar da Silveira, Capitão General de Minas Geraes, e depois Governador das Armas da Provincia da Beira.

Não obstantes as suas occupações, e muitos desgostos domesticos, que bastante o affligirão, e que soube supportar com resignação heroica, jamais deixou de dar pasto aos talentos com que a natureza o dotou; o seu decidido gosto,

e natural inclinação ao estudo fazião, que as suas horas de descanço fossem dadas aos Livros, e á Penna; e em 1820 apparecerão as suas Fabulas, que elle com tanta modestia intitulou, Traducção livre das de la Fontaine, sendo bem facil conhecer a quem as confrontar, que deste insigne Author Francez elle approveitou só os assumptos, vestindo-os, e adornando-os com a graça, originalidade, e elegancia propriamente suas. Mais tarde em 1835 veio á luz o 5.° Volume das suas composições Poeticas, que hum seu amigo compilou dos seus preciosos manuscriptos, temendo talvez que estes fragmentos ficassem no esquecimento; mas infelizmente o seu Author, ou fosse pela sua assidua applicação, e continuados estudos, ou por natural molestia, havia gasto, e enfraquecido as suas faculdades intellectuaes, e a este tempo ja se achava impossibilitado de rever, e corregir este Livro; assim sahio elle do Prelo cheio de erros, de inexactidões, e sem redacção. Graves doenças o accommetterão no ultimo periodo da sua vida, á qual empregou no serviço da Patria,

e em utilidade da Litteratura, até que prehenchidos os dias que o Author da Natureza lhe havia concedido, fallesceo a 28 de Dezembro de 1838, com 72 annos, e quasi nove mezes e meio de idade.

A graça, originalidade, e elegancia de estylo, que se acha na versão, ou para melhor dizer imitação das Fabulas de la Fontaine, em que seu Author soube tão bem copiar este Genio singular da França neste genero de Poesia, junto á moralidade tão naturalmente deduzida em cada huma dellas, nos induzio a publicalas novamente, convencidos de que nisto fazemos hum serviço á mocidade, offerecendo-lhe tão boa lição para que, como diz o mesmo Author no seu Prologo, ella possa com o encanto da Fabula não conhecer o amargor da moral tão necessaria aos usos Civis, e á existencia da Sociedade.

Mostrando neste nosso empenho a nossa gratidão pela memoria do seu Author, vamos assim a dar nova publicidade a huma producção, que se não he a unica neste genero, sem du-

vida he, segundo o nosso entender, a mais perfeita que em linguagem Portugueza tem apparecido: Esperamos que o Publico acolha esta segunda impressão com a mesma benevolencia, com que tanto destinguio a primeira, quando sahiu á luz.

PROLOGO.

João de la Fontaine, tão conhecido no mundo literario pelas suas Fabulas moraes, foi meramente hum fecundo traductor, ou imitador das Fabulas de Esopo, Phedro, Avieno, Pilpay, e outros, como declara o seu apologista Naigeon (1), com tudo de la Fontaine adornou estas Fabulas com tal graça, energia, e

(1) Il est bien démontré aujourd' hui, que la Fontaine n'a rien inventé, c'est-a-dire, pour éviter tout équivoque, et determiner le sens précis que j'attache á ce mot, qu'aucun des sujets de ses Fables ne lui apartient. Après avoir douté long-temps de ce fait, j'en ai trouvé des preuves incontestables; e je sais que plusieurs personnes trés instruites ont fait sur cet object des recherches curieuses, que les ont conduites au même resultat.

naturalidade, que póde hombrear no mérito com os authores de quem as extrahio; porque se não as inventou, inventou o modo de as escrever, e de se exprimir, como se explica hum Sabio da França. (1)

O nosso bom Portuguez Filinto traduzio as Fabulas de la Fontaine em versos brancos, endecasylabos; mas perdoem-me os seus adoradores; ninguem que tiver intelligencia do que he boa metrificação, e hum gosto apurado, as poderá ler com satisfação, encontrando pela maior parte, nellas huma linguagem affectada, versos duros, e dissonantes, contrarios á boa poesia; (2) alem da obscuridade do sentido,

(1) On a dit que la Fontaine n'avoit inventé; il a inventé sa maniere d'ecrire, et cette invention n'est pas devenue commune.

La Harpe Lic. Tom. 6. Cap. 11.

(2) Il n'y a point de bonne poesie sans harmonie.

De la Font. preface aux Fabls.

que as torna, as mais das vezes, enigmaticas.

Em nenhum idioma, segundo a opinião de la Harpe (1) se poderá bem traduzir as Fabulas de la Fontaine, porque este Sabio escriptor se enuncia de hum modo tão particular, que parece ter inventado hum novo modo de se exprimir; convencido desta asserção propuz-me não a traduzir, mas a imitar de la Fontaine, fazendo a respeito delle o que elle fez a respeito de Esopo, Phedro, Pilpay, Avieno, e outros, que se aproveitou dos assumptos, e os vestio, e adornou com aquelles enfeites, e graça de que a sua fecunda imaginação era susceptivel.

Com reflexão escolhi as Fabulas, que me parecerão melhores; empreguei, pela maior

(1) Qu' on ne peut traduire en aucune langue, parce qu' il s'en est fait une, que lui est propre.

La Harp. Lic. Tom. 6. Cap. 11.

parte o verso de redondilha maior por ser o mais facil de se repetir, e decorar; usei do estylo medio, huma frase corrente, e natural, sem omittir os proloquios, e idiotismos da nossa linguagem, convencido de que, se os Faunos trazidos dos bosques não devem, segundo o parecer de Horacio, (1) fallar huma linguagem polida, e culta, com a mesma razão as Feras que habitão as brenhas, quando se lhes finge o dom da expressão, esta deve ser simples, e natural sem os adornos da arte, por quanto a simplicidade do tom não exclue, segundo la Harpe (2) a finura, e sublimidade do pensamento.

(1) Silvis deducti caveant, me judice, Fauni,
Nec velut innati triviis, ac pæné forenses,
Aut nimium teneris juvenentur versibus unquam,
Art. Poet. vers. 242.

(2) Cet esprit si simple et si naif dans la narration, est très juste, et souvent même très fin dans la pensée; car la simplicité du ton n'exclue la finesse du sens. *Cours de Literat.* Tom. 6. Cap. 11.

Posso dizer que muitas vezes nem traduzi, nem paraphrasiei; apoderei-me do assumpto, alterei-o a meu modo, esclareci onde era obscuro, cortei o que julguei superfluo, e augmentei onde carecia de adorno, emendando muitas inverosimilhanças, debaixo do principio de que as propensões caracteristicas dos animaes nunca se devem alterar, para não vermos os Delfins pelos bosques, e os Javalis pelas ondas como diz Horacio. (1) Os que respeitão de la Fontaine com fanatismo, talvez que me arguão de maledicente, mas devem tambem arguir o seu apologista Naigeon (2) que lhe confessa estes defeitos.

(1) Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.

(2) Le style de la Fontaine manque trop souvent de noblesse, et de correction..... il y en a dont la morale est commune, d'autres où elle vague iudeterminée, contradictoire, et dont on peut tirer des resultats opposés aux siens, et souvent mieux fondés, et d'autres en fin où l'on trouve des maximes fausses, &c.

Notice sur la vie de la Fontaine.

Recommenda o insigne Muratori a composição de fabulas moraes em verso, á maneira de Phedro, Avieno, e outros, como fez la Fontaine; porque nestas fabulas, diz elle (1) se desenvolve a filosofia dos costumes, e a pratica da vida civil, e consegue-se este fim inventando novas fabulas, ou traduzindo as dos antigos Authores. Eu annuindo a esta recommen-

(1) Puó tuttavia desiderarsi.... che a la guisa di Fedro liberto d'Augusto, e d'Avieno chiuda in versi alcune favolette cosi fatto argomento face risonare nel secolo passato, fra i Poeti Franzesi il nome del Sig. della Fontana.... Ma vorrei che con opera tale si spiegasse tuta, o in parte la filosofia de' costumi, e la pratica della vita civile, in qualche maniera se mira idiata questa, che puó chiamar-si filosophia d'immagine, nelle favole dell' acutissimo Esopo; ed io porto opinione che sommamente utile sarebbe una fatica o s'idventassero, o si prendessero da' vecchi autori le favolette; o fossero queste apologi de bruti, d'uccelli, e daltre simile cose....

Murator. della perf. Poes. Itali. Tom. 2. Cap. 7.

dação, inventei alguns Apologos, que vem impressos no 1.°, e 3.° volume das minhas composições poeticas; e extrahi do primeiro volume de la Fontaine as que apresento ao Publico, dando á mocidade Portugueza hum livro, onde misturando o util com o agradavel, possa com o encanto da fabula, não conhecer o amargor salutifero da boa moral, tão precisa para a existencia politica da sociedade.

Talvez que tachem algumas destas fabulas de extensas, porém estas composições, á maneira dos outros poemas, constão de huma acção, que tem a sua marcha, o seu desenvolvimento, progressos, incidentes, duração, e exito; e em as quaes se deve ver hum espaço preenchido, hum fim, e meios para chegar a elle, como nos diz o Cidadão Naigeon. (1)

(1) Une fable, de même que la plus part des autres poemes, est une action qui a sa marche, ses développements, ses progrés, ses incidents, sa

Se hum poema, ou huma fabula he bôa, não enfastia ainda que seja longa, e se he má aborrece por mais curta que seja: se eu desempenhei a primeira, nada me importa que me julguem extenso.

durée, son dénouement, et dans la quelle on doit voir un espace parcouru, un but, et des moyens pour y arriver.

Notic. sur la vie de la Fontaine.

TRADUCÇÃO LIVRE

das

MELHORES FABULAS

DE LA FONTAINE.

A FORMICA, E A CIGARRA.

Tendo a Cigarra cantado
Todo o verão sem governo,
Em nada tinha cuidado,
E era o principio do inverno
Achava-se desprovida
Do sustento para a vida;

Triste futuro augurava
Na collisão, em que estava;
Lembrou-lhe certa vizinha
Dona Formiga de Tal,
Qu' hum farto celleiro tinha,
Posto que era voz geral
Ser mui pouco liberal:
Foi a sua casa então,
E estendeu-lhe este panal,
» Vizinha do coração
» A seus pés hoje aqui venho
» Fazer-lhe huma petição,
» Cahem-me as faces no chão
» Pela vergonha que tenho:
» He o negocio, eu queria
» Que me emprestasse algum grão
» Do que Vossa Senhoria
» Nos seus celleiros encerra,
» Pois que esta mesquinha terra
» Me tem sido tão fatal!
» Quando vier Julho ardente
» Serei muito pontual
» Em pagar-lhe exactamente,

» Não só o seu principal,
» Mas aquillo em que assentarmos
» Nos ajustes que tratarmos.
Esteve-lhe ouvindo tudo
Mui seriamente a Formiga,
E torna-lhe em tom sisudo,
» Que fez no verão amiga?
» Que fiz? amada Senhora,
Diz a Cigarra, » cantei.
» Era o mesmo qu' eu pensei,
» Pois póde bailar agora:
A Formiga respondeu,
» Fizesse como fiz eu,
» Que trabalhei no verão
» Para no inverno ter pão.
Quem só nos divertimentos,
Sem cuidar na subsistencia,
Occupa os seus pensamentos,
Quando cahir na indigencia
Conte qu' o mesmo hade ouvir
A'quelles a quem pedir.

—

O CORVO, E A RAPOSA.

Trazia hum queijo furtado
Faminto Corvo agoureiro,
E foi com elle no bico
Pousar n'hum alto sobreiro.
Huma Raposa que o vio,
Disse, » quem furta a ladrão,
» Segundo hum velho dictado
» Tem cem annos de perdão.
» Se hir-lhe ao polleiro não posso;
» Porque não pousou mais perto,
» Valha-me o ardil da lisonja
» Laço onde cahe tanto esperto
Depois chegando ao sobreiro
No Corvo os olhos fitou,
E fazendo-lhe huma venia
Desta sorte lhe fallou.
» Guardem-te os Ceos, Ave excelsa,
» D'Aguia Real viva imagem,

O Corvo e a Raposa.

« Que bello talhe que tens!
« Que linda côr de plumagem!
« He dor que o Ceo não quizesse
« Fazer-te amavel em tudo,
« Fôras o assombro da terra
« A teres voz, mas és mudo!
Logo ao nescio de mostrar-lhe,
Que tem voz, cresce o desejo,
E hum grasno soltar querendo
Abre o bico, e cahe-lhe o queijo.
Eis a Raposa lho apanha,
Come-o, e diz-lhe « reconhece
« Corvo estulto, que a lisonja
« Sempre he filha do interesse.
« Vive á custa o lisongeiro
« De quem preza adulações,
« Comi o teo queijo, e em paga
« Te dou tão sabias lições.

A RÃ, E O BOI.

N'um prado huma Rã
Hum Boi contemplou,
E ser maior que elle
Vaidosa intentou.
A pelle enrugada
Inchando alargou,
E ás leves irmãs
Assim perguntou.
Maior qu' o Boi
O' Manas, já sou?
Não és, lhe disserão,
E a Rã lhe tornou.
E agora inda não?
E mais inda inchou:
Eis logo de todas
Hum não escutou.
Inchar-se invejosa
De novo buscou,

Mas dando hum estouro
A vida acabou.
Tambem, se em grandeza
Vencer procurou
O Pobre ao Potente,
Por força estourou.

OS DOUS MACHOS.

Encontrárão-se dois Machos
Em hum caminho deserto,
E os Moços tinhão ficado
Bebendo vinho alli perto.
Hum era do Estado, e vinha
Carregado com dinheiro,
O outro farinha levava,
Tendo por dono hum Moleiro.
O que trazia a riqueza
Era mais forte, e mais moço,
Tinha albarda, atafaes novos,
E campainha ao pescoço.
O que levava a farinha
Hia todo n'hum frangalho,
Rota albarda, atafaes podres,
Nem se quer tinha hum chocalho.
O primeiro blazonando
Da grandeza em que se via.

Ao segundo velho, e pobre
Mofas, e injurias dizia.
Eis que d'hum bosque saltou
De ladrões hum bando ingente,
E ao que levava a riqueza
Atacão subitamente.
Elle fiado em ser forte
Quer-lhes fugir, mas em vão,
Que tres facadas no peito
Pregão com elle no chão.
Por morto os ladrões o deixão
Roubando-lhe o ouro que tinha,
Ficando izento do estrago
O que levava a farinha;
O qual para trás voltando,
Vendo o amigo moribundo,
Clama, « por pobre escapei
« Vejão bem o que he o mundo!
He na terra as mais das vezes
Dita o viver ignorado,
Tem risco maior na queda
O qu' está mais levantado.

—

O LOBO, E O GOZO.

Em manhãa nublada, e fria,
Hum velho Lobo esfaimado
Sua sorte maldizia,
Que tamanho era o cuidado
Dos guardadores do gado;
Eis que mui gordo, e mui nedeo
Vê vir hum gozo anafado
Que lhe não faria tedio
Se o comesse, mas temia
Pelo estado em que se via
Combater, e sahir mal,
E a manhã por brusca, e fria
Ter questões não permittia;
Eis prudente em caso tal,
De projectos variando,
Fez-lhe grande cortezia
Mui submisso elogiando
Sua formosa figura,

Acêio, porte, e gordura;
A louvores taes sensivel
Torna-lhe o gozo aprazivel:
« Se esta vida, esta ventura
« Gozar queres, novo amigo,
« Deixa o Campo, e vem co'migo,
« Viverás sempre em fartura,
« Verás sempre de comer,
« Tenros ossos que roer
« De perú, frangão, perdiz.
Eis o atalha o Lobo, e diz:
« Saber quero, caro amigo,
« O qu' he preciso fazer,
« Para tanta dita obter?
« Não o sabes? eu to digo,
Lhe responde o gozo honrado.
« Deves ter muito cuidado
« Em guardar a toda a hora
« A porta do teu patrão,
« Vedar qu'entre algum ladrão;
« Sempre ladrar aos de fora,
« E aos de casa fazer festa;
« Mais dizer-te ainda me resta,

« Que tambem não será máo,
« Que não corras sobre os gatos,
« Quando lamberes os pratos,
« Que póde vir algum páo
« E fazer-te o catatáo;
« Deves tambem ter cuidado
« Em ser em casa aceado;
« Que se o qu'eu digo fizeres
« Evitarás desprazeres,
« Verás o rosto á ventura
« Sem trabalho, e com fartura.
O bom Lobo do que ouvia
De prazer pranto vertia,
E impaciente d'alvoroço
Dizia ao gozo « Vóemos,
« Por ver se chegar podemos
« Hoje inda ás horas do almoço;
« Mas espera, amigo caro!
« Eu agora he que reparo!
« O que tens tu no pescoço?

Cão.

« Quem eu? isto não he nada.

Lobo.

« Não he nada! isso he asneira!

Cão.

« Quasi nada, brincadeira.

Lobo.

« Pois d'aqui não movo hum pé
« Sem saber isso o que he.

Cão.

« He o cálo da colleira.

Lobo.

« Que? tu vives em prizão?

Cão.

« Vivo sim, isso que tem?
« Como, bebo, passo bem,
« E amigos meus todos são.

Lobo.

« Pois regala-te por lá,
« Que eu antes sem sujeição
« Quero pobre viver cá
« Soffrendo fóme, e lazeira,
« Do que assistir na Cidade,
« Bem que passe á Cavalheira,
« Tendo preza a liberdade.

Nisto dando huma carreira
Para o bosque mais visinho
Foge, e deixa o cão sozinho:
Que dando attenção severa
Ao que de ouvir acabava,
Conheceo bem que não era
Tão feliz como julgava.

O LEÃO EM SOCIEDADE COM A OVELHA, A CABRA, E A NOVILHA.

A Cabra, a Ovelha, a Novilha
Topando hum velho Leão,
Pedirão-lhe a paz, fazendo
Amigavel convenção.
Jurárão que tudo quanto
Por qualquer fosse apprehendido,
Seria por todos quatro
Irmãmente repartido.
Conveio o Leão no ajuste
Por estar velho, e pezado, (1)
E á custa das companheiras
Projectou ser sustentado.

(1) Era preciso o motivo de estar velho e pezado, para poder convir no ajuste com animaes, que podia logo devorar.

Sahirão á caça, e logo
Em triunfo as tres trouxerão
Hum sacco cheio de pão (1)
Qu' huns viajantes perderão.
Eis pelas unhas contando
O Leão os animaes,
A preza dividio logo
Em quatro partes iguaes;
E diz: « Como Rei das Feras
« Tenho o primeiro quinhão,
« Tambem agora o segundo
« Me toca por ser Leão;
« Da-me a posse do terceiro
« O direito do mais forte,

(1) O original diz, que nos laços da Cabra ficou prezo hum Viado, que o Leão veio e o dividio em quatro partes, e depois ficou com todas; porém, que interesse podia ter huma Novilha, huma Cabra, e huma Ovelha, não sendo animaes carnivoros, no quarto de hum Veado? Por isso substituo o pão que he alimento que quasi todos os animaes comem.

« E quem se atraver ao quarto
« Conte de certo co' a morte.
As tres, qu' em jejum ficavão,
Não se oppunhão por temor,
Mas dizião « Não se dá
« Patifaria màiör!
Desmanchão logo o tratado,
Conhecendo que os que tem
Contractos com poderosos
Raras vezes ficão bem.

O AMOR PROPRIO. (1)

Quero mudar a figura,
(Disse Jupiter Potente)
A todo o animal, qu' esteja
Da que lhe dei descontente.
N' hum vasto campo os ajunta,
E com tranquilla paciencia
Do seu projecto os informa,
E entra a dar-lhes audiencia.
Vem primeiro o Mono á Scena,
E então Jove lhe procura,
Se o seu feitio lhe agrada,
Ou se quer nova figura.
Responde-lhe o Mono « Eu vivo

(1) O titulo desta Fabula em la Fontaine, he o Alforje; creio que lhe compete melhor o titulo que lhe dou.

« Do que sou mui satisfeito,
« Porque d' entre os animaes
« Nenhum vejo mais perfeito;
« Se me desses do Urso a forma »
« Logo te pedia emenda,
« Que não ha bruto mais fêio,
« Nem figura mais horrenda.
O Urso então veio, e julgou-se
Pela expressão do Bogio,
Que pediria mudança
Do seu enorme feitio.
Porém não, antes clamou:
« Qu' importa que falle o vulgo,
« Jove, eu não peço mudança,
« Que o mais perfeito me julgo.
« Que me trocasses a fórma
« Eu te pedira incessante,
« Se tão feio me fizesses,
« Como fizeste o Elefante:
« Que tem os dentes disformes
« Tromba enorme, olhos pequenos,
« Que o quanto avulta em orelhas
« Na cauda mostra de menos.

Eis o Elefante escutando
Seus defeitos assoalhar,
Julgou inveja o que ouvia,
E nada quiz emendar.
Diz que excede a todos elles
Em força, garbo, e figura,
E d' avultada Balêa
Critica immenso a grossura.
Tambem Madama Formiga
Faz mil criticas á Pulga, (1)
Chama-lhe anã, e hum Colosso
A' vista della se julga.
Nisto ao som de mil dicterios
Pago de si, chega o Burro,
Mas Jove grita « Silencio.
E acaba logo o sussurro.
Pergunta-lhe o Deos se os insta
De mais talento o desejo?
Mas tornão-lhe inda os mais tolos:

(1) O original diz Oução, pequeno verme; substitui a pulga por ser insecto mais conhecido.

« Disso temos de sobejo!
Então de ouvir enfadado
Do amor proprio o louco excesso,
Faz-lhes estas reflexões,
Dando por findo o Congresso.
« Vedes com olhos de Lince
« Leves defeitos dos mais,
« E com olhos de Toupeira
« Para os vossos sempre olhais.
« Criticais faltas alheias,
« E as mesmas tendes em summa,
« Em vós tudo he desculpavel,
« Nos outros cousa nenhuma.
Disse, e foi das obras suas
Nimiamente satisfeito,
Visto que qualquer se julga
De todos o mais perfeito.

A ANDORINHA, E OS PASSARINHOS.

Veloz Andorinha astuta
Havendo o Mundo corrido,
Tinha nas suas viagens
Luzes não poucas obtido.
No vario aspecto dos Astros
O tardo futuro lia,
E as proximas tempestades
Aos viajantes previa.
No tempo, em que se semeia,
Vio Colono diligente
Lançar na terra lavrada
Do linho a fertil semente:
« Isto não me apraz, diz ella
A's Aves mais pequeninas,
« O' quanto, quanto receio
« Vossas futuras ruinas!
« Nascerão daqui a pouco
« Destas sementes que vêdes

« Para prender-vos os laços,
« Para matar-vos as rêdes.
« Não he por mim, he por vós
« Que temo este mal futuro,
« Qu' em me preseguindo abalo,
« E estranhos climas procuro.
« Para evitar vossos damnos
« Correi, correi promptamente,
« Esg'ravatai nessas leiras,
« Comei-lhe toda a semente.
As Aves zombárão muito
Do qu' Andorinha ensinára,
E em breve tempo cresceo
A verdejante seara.
Novamente a Prophetiza
Lhe diz « ó loucas voai,
« E desta mesquinha planta
« Folhas, e astes arrancai;
« Vede que a ruina vossa
« Desta colheita virá,
« E quando queirais cohibilla
« Nenhum remedio terá.
« Prophetiza d'infortunios,

« Insoffrivel palradora ,
« Deixa-nos , dizem as aves ,
« Se tens medo vai-te embora.
Chega o tempo da colheita ,
E diz de novo a Andorinha :
« Isto não vai bem , ó loucas !
« O vosso mal se avisinha !
Dos meus prognosticos sabios
« Tendes zombado infinito ,
« Esse fatal grão poupastes
« E nasceo todo o maldito !
« Em terminando as colheitas ,
« Aquelles que tratão dellas ,
« Estando em ocio , hão-de armar-vos
« Redes , laços , esparrellas ;
« Producção da sementeira
« Que poupastes preguiçosas :
« Tomai o partido , ó nescias ,
« D'esconder-vos cautelosas ;
« Não andeis de veiga em veiga
« Sempre aos pulos descuidadas ,
« Vivei no vosso aposento ,
« Nunca sereis apanhadas.

« Se fosseis sabias, devieis
« Fazer o mesmo qu'eu faço,
« Que se estou mal neste clima,
« A clima estranho me passo.
As aves quando a escutavão
Grande gralhada fazião,
Qual a Cassandra os Troyanos
Quando os augurios lhe ouvião.
Mas pouco tempo tardou
Qu' ellas todas por seu mal,
Realizado não vissem
O prognostico fatal!
Que humas cahindo nas redes
A liberdade perdião,
Outras na falsa esparrella
Mortas aos centos cahião;
Que o bem se crê facilmente
Quando annunciallo ouvimos
E pelo contrario os damnos
Só os cremos quando os vimos.

—

OS DOIS RATOS, HUM DO CAMPO, E O OUTRO DA CIDADE. (1)

Certo Rato, que na Corte
Vivia em nobre morada,
Foi espairecer ao campo
Huma vez de madrugada.
Eis encontrou no caminho
Pobre Rato camponez,
Qu' apenas o vio, parando,
Submissa venia lhe fez.
« Guarde-te o Ceo, bom camponio
(Disse o da Corte ao vilão)
« Certamente nestes campos
« Tens a tua habitação.
« Sim, Senhor, elle lhe torna,

(1) Nesta fabula segui mais o nosso Sá de Miranda do que de la Fontaine.

« E se vossa Senhoria
« Quizesse honralla, entrar nella,
« Grande gosto me daria!
« Entrarei por descançar,
Respondeo-lhe o Cortezão,
« E's bom moço, contar pódes
« Com a minha protecção.
Partem ambos, e se mettem
Por huma buraca estreita,
Pouco atraz hindo o camponio
Dando ao Fidalgo a direita.
A' porta chegão da toca,
Entra o da Corte primeiro;
Não sabe o vilão que faça
A tão nobre Cavalheiro.
E diz-lhe: « Cumpre, Senhor,
« Qu' hoje vossa Senhoria
« Me desculpe não poder
« Tratallo como devia;
« Vou fóra cuidar de arranjos.
O outro diz « pois vai amigo,
« Mas olha bem qu' eu não quero
« Cá ceremonias co' migo.

O vilão sahe, trepa ás moitas
E hum bom saque dando aos ninhos,
Traz ao seu lar frescos ovos,
Traz impulmes passarinhos;
Entra e sahe, volta, e lhe arranja,
A meza onde era a salinha,
Põe-lhe a caça que trouxera,
E tudo o melhor que tinha.
Em pé não longe do rico
Com a maior submissão,
Assim lhe falla, de pêjo
Pregando os olhos no chão:
« Supprão, Senhor, os desejos
« Ao que nesta meza falta,
« Que bem sei que tudo he pouco
« Para pessoa tão alta!
« Bom camponio, apraz-me tudo,
« O Fidalgo então lhe diz,
« E's bom moço, tens virtudes,
« Quero fazer-te feliz.
« Irás comigo á Cidade
« Gozar da minha grandeza,
« Conhecerás o que he bom,

« Dois trincos dando á pobreza.
De gosto o vilão saltando
Ficou quando tal ouvio,
Prostrou-se a beijar-lhe os pés;
Mas elle não consentio.
Assim que o jantar findou
O passeio começárão,
E quando foi noute escura
A' Corte se encaminhárão.
Chegando á Palacio excelso,
Disse o Cortezão inchado:
« Ao meu Solar magestoso
« Temos amigo chegado.
Do jardim por huma fresta
Entrárão como convinha,
Descêrão, subirão muito
Até entrar na cozinha.
Do rico espolio da cêa
Entrárão na possessão:
Do que vio ficou parvinho
De boca aberta o vilão!
Foi á meza da cozinha,
E as mãos sobre a loiça pondo,

Deitou dois pratos a terra
Fazendo hum immenso estrondo;
Acudio á bulha hum moço,
Trouxe luz, vio a parelha,
Entrou com elles de volta
Batendo arrochada velha.
Sabia os cantos á casa
O Cortezão, e moscou;
Mas o camponio mettido
Na contradança ficou.
Pregava pulo de Corça,
E o páo no lombo a malhar:
Até que a loiça cahio,
E teve léo d'escapar.
Com muito susto, e fadiga
Por onde veio tornou;
E quando em casa se vio,
Beijando a terra, exclamou:
« Mais não me ha de seduzir
« Da vã grandeza o esplendor,
« Qu' he muito funesto o prazer
« Quando o perturba o temor!
D' inquietações combatido

He hum flagello a grandeza,
No seio da paz sem sustos
He mais ditosa a pobreza.

O LOBO, E O CORDEIRO.

N'um rio matava a sede
Tenro anafado Cordeiro,
E mais acima igualmente
Bebia hum Lobo matreiro.
Podia a féra faminta
Logo saltar, e ir-lhe ao pello;
Mas sem pretexto não quiz
Agadanhallo, e comello.
Bradou-lhe « O' lá sô tratante,
« Espere qu' eu já lá vou!
« Turba-me as agoas que bebo,
« Sem attender a quem sou?
Diz-lhe elle « Bem vê senhor,
« Qu' está da parte eminente,
« E que de lá vindo as agoas,
« Turbar não posso a corrente.
« Turbaste-a sim, diz o Lobo;
« Além disso o anno passado

O Lobo e o Cordeiro

« Tanto mal de mim disseste,
« Qu' hia ficando infamado!
« Veja, torna-lhe o Cordeiro,
« Senhor, qu' está illudido,
« Por qu' eu este anno passado
« Inda não era nascido.
Raivoso, d'olhos em braza
Responde o Lobo glotão:
« Pois se acaso tu não foste,
« Foi teu malédico irmão.
O titubante Cordeiro,
Que já em tremuras vive,
Lhe diz « Senhor he engano,
« Por qu' eu irmãos nunca tive.
« Se elle não foi, foi teu Pai,
« Agora estás convencido:
Disse o Lobo, e n'hum momento
Foi o Cordeiro engolido!
Que para dourar seus crimes,
Sempre o sagaz prepotente
Quer ter por base a razão,
Inda que seja apparente.

OS LADRÕES, E O BURRO.

Dois malfeitores Ladrões
Ruço Jumento furtárão,
E para deserto bosque
Cautelosos o levárão.
Disse hum delles « Vou agora
« D' escuro pintar-lhe o pello,
« E na feira de ámanhã,
« Sem susto posso vendello.
« Não quero o Burro vendido,
O outro ladrão replicou,
« Preciso delle na estrada
« Quando venho, ou quando vou.
« Ha de vender-se ámanhã,
Disse este, pregando hum grito.
« Não ha de, com mil Diabos!
O outro bradou, tenho dito.
Foi huma atroz bofetada
Consequencia da questão,

Depois dois pulos atraz,
E aguda choupa na mão.
« Maroto, hum delles dizia,
« Hei de a facadas cozello:
O outro gritava « Patife,
« Vou em cavacos fazello.
Em quanto os dois se entretinhão
No atroz combate cruento,
Veio hum terceiro ladrão,
Que lhes levou o Jumento.
Assim alguns Reis propugnão
Por terras que tem tomado,
E outro vem, dellas se apossa,
E os deixa em peor estado.

SIMO'NIDES POETA PROTEGIDO PELOS DEOSES.

A Simónides, que fora
Facundo Argivo Poeta,
Procurou hum dia em casa
Hum novo enfunado Athleta.
Havia em dubio certamen
Vencido o seu contendor,
E em aureos versos queria
Ver cantado o vencedor.
Ajustou dar hum talento
De premio ao sublime Vate,
Pedindo que erguesse ás nuvens
Aquelle egregio combate.
O Sabio empenhou no encomio
Toda a força da eloquencia,
Hypotyposis mostravão
Ao vivo a nobre pendencia.
Mais que dizer não havia;

Porque o destro aventureiro
Era de familia obscura,
E este o certamen primeiro.
Com as flores da eloquencia
Ornou o grato elogio,
Similis, e parallelos
Servírão d'aureo atavio.
Aos Gemeos Castor, e Pollux
O seu Heroe comparava,
E as nobres acções daquelles
Amplamente numerava:
De sorte qu' huns bons dois terços
Do poema, que tecia,
Em digressões agradaveis
Aos dois Gemeos pertencia.
Findo, e copiado o encomio,
A casa o levou do Athleta,
Que depois de o lêr tres vezes
Disse ao facundo Poeta:
« Meu louvor neste Poema
« Só occupa a terça parte;
« Por tanto, do que ajustámos
« Só devo o terço pagar-te.

« Os dois Gemeos, a quem tanto
« Teus nobres versos exaltão,
« Que te paguem do talento
« Os dois terços, que te faltão.
« Em tanto para mostrar-te,
« Que não fico mal comtigo,
« Quero esta noute que venhas
« Sem falta cear comigo.
O convite lhe acceitou
D' Apolo o filho sisudo,
Julgando qu' era melhor
Perder pouco do que tudo.
Parentes, muitos amigos
Dos que usão comer de mofa
A lauta meza cercavão;
Tudo era festa, e galhofa.
Saudes a huns, e a outros,
Saudes ao novo Athleta,
E só lá de quando em quando
Levava alguma o Poeta.
Sentio-se em tanta algazarra
Que muito á porta batião,
Abrindo-a virão dois Jovens,

Que ao vate fallar querião.
Elle erguendo-se da meza
Antes da cêa dar fim,
Vio á porta dois Mancebos,
Que lhe disserão assim:
« Nós de Leda os filhos somos
« Astros no globo Celeste,
« Que hoje agradecer-te vimos
« Os incensos que nos deste.
« Tambem salvar-te queremos
« D' hum eminente perigo;
« Foge, que vai neste predio
« Cahir dos Ceos o castigo.
Sahio promptamente o Sabio;
E a companhia indiscreta
Com saudes applaudia
Quanto ao Vate fez o Athleta.
Eis d'improviso estalando
As columnas do Edificio,
Soffrêrão todos o estrago
D'hum funesto precipicio.
Ao fofo Athleta huma trave
As pernas ambas partio,

E a parasîta assembleia
Igual desastre sentio.
Então conhecendo os povos
Pelo prodigio evidente,
Qu' era dos Ceos protegido,
O Sabio, tão altamente;
Com mil dadivas, e offrendas
Não sómente lhe preencherão,
Quanto o Athleta deo de menos,
Mas até rico o fizerão:
Porque se os Numes castigão
Quem zomba do seu poder,
Tambem premiar costumão
Quem lho sabe merecer.
Dos Ceos a Poesia he prole;
Ella aos Ceos tece o louvor;
Aquelle, que a menoscaba,
Offende o seu Creador.

O HOMEM ANCIÃO, E AS SUAS PERTENDENTES DE DIVERSAS IDADES.

Hum homem de meia idade,
Já de grisalho cabello;
Tendo liberto o alvedrio
Quiz desposar-se, e perdello.
Era rico, esbelto, e nobre,
Tinha garbo, e discripção,
E havia mil aspirantes
A' posse da sua mão.
Duas viuvas tiverão
De lhe agradar a ventura,
Huma na flor dos seus annos,
Outra na idade madura.
Sempre com futeis pretextos,
Quando com elle brincavão,
A hum, e hum, ellas ambas,

O cabello lhe arrancavão.
Tirava-lhe a qu' era idosa
Dos inda escuros o resto;
A Moça todos os brancos,
Buscando sempre hum aresto.
Porque pertendião ambas
Para igualdade em amor,
Qu' elle tivesse o cabello
Igual ao dellas na cor.
De sorte qu' em breve tempo
Se vio o amante coitado,
Por este capricho louco,
Inteiramente pellado.
No caso então reflectindo:
« Bellas Ninfas, exclamou,
« Por esta lição, que tive,
« Immensas graças vos dou.
« Se huma de vós desposasse,
« Sei que de viver eu tinha
« A' vossa vontade sempre,
« E nunca á vontade minha.
« D'ambas fujo, ambas detesto,
« Vossos genios conheci;

« Bem que sem pello ficasse ;
« Ganhei mais do que perdi.

OS MOSCARDOS, E AS ABELHAS.

No campo estando sem dono
Favos de mel excellente,
As Abelhas os reclamão,
E os Moscardos igualmente.
Depois de mil argumentos,
Qu' hião findando em pancada,
Perante o Bespão vai ser
A lide sentenciada.
Nomeião os litigantes
Letrado, e Procurador,
Dando-lhe os poderes todos
De allegar em seu favor.
Qualquer das partes contrarias
Tres testemunhas produz,
Porem de quanto ellas dizem
Nada, ou pouco se deduz.
Fica o Juiz indeciso
Sem proferir a sentença;

Passão seis mezes e a todos
Zanga tamanha detença.
Das Abelhas o Letrado,
Pessoa de sã consciencia,
Disse « O mel vai a perder-se,
« E he preciso providencia.
E posto que muitas vezes
Passasse por abelhudo,
Huma petição que arranja,
Faz logo decidir tudo.
Para qu' huns e outros se ajuntem
Requer que se notifiquem,
E do Juiz na presença
Favos de mel se fabriquem.
Defere logo o Juiz
Ao justo requerimento,
E são huns, e outros citados
Para dar-lhe cumprimento.
Para embargos pedem vista
Os Moscardos arengando;
O Juiz lhes indefere
Seus máos intentos notando.
Que descobre no que allegão

Que tem do exame receio,
E fazer mel não sabendo,
Querião furtar o alheio.
  Por tanto a pró das Abelhas
Sentença dá sem soçobro,
E são os Réos condemnados
Á pagar custas em dobro.
  Se a razão fizesse a Lei,
Á trapaça acabaria,
E ao capricho dos que julgão
Nunca a Lei se torceria.

O GALLO, E A PEROLA.

Em hum monturo esgravatando
Formoso Gallo aguerrido,
Acha huma Perola fina,
Qu' havia hum Nobre perdido.
Por tres vezes a escoucinha
Sem nella querer pegar,
A' quarta erguendo-a no bico,
Se põe a cacarejar.
Vem logo algumas Gallinhas
Cuidando qu' era algum grão;
Mas vendo a perola, tristes
Vão-se, deixando-a no chão.
Acaso passa hum Ourives,
E apanhando-a, alegre diz;
« He huma perola fina!
« Que bello achado que fiz!
« Homem, lhe pergunta o Gallo,
« Tanto essa joia merece?

« Pois eu por hum grão de milho
« Te dera mil, se as tivesse.
Perola em poder de Gallo,
Que lhe não sabe o valor,
He como entre as mãos d'hum nescio
As Obras de hum sabio Author.

O SOBREIRO, E A CANA.

Hum corpulento Sobreiro,
Qu' ás nuvens a fronte alçava,
Disse huma vez a huma cana
Que defronte lhe ficava:
« Quanto foi comtigo escassa
« A profusa natureza!
« Oca te fez, fez-te esguia,
« Negou-te graça, e firmeza.
« D'hum lisongeiro favonio
« A bafagem mais pequena,
« Na sesta, ou na madrugada,
« Te abala, e te desordena.
« Eu firme zombo da furia
« Dos procellosos tufões;
« O que para mim são auras,
« São para ti Aquilões.
« Quando o Noto sibilante
« Faz ao mundo crua guerra,

« Eu mal balanceio a coma,
« Tu andas varrendo a terra.
« Se perto de mim nascesses
« Tão infausta não serias,
« Abrigo em meu tronco excelso
« Contra as borrascas terias.
« Quanto de ti me condôo
« Mal sabes, pequeno arbusto;
« Logo que sinto algum vento,
« Por teu respeito me assusto.
« Arvore excelsa, lhe torna
A debil cana tambem,
« He do teu bom natural,
« Qu' essa piedade provem.
« Se branda por natureza
« Não opponho ao vento força,
« Cêdo prompta, e não me offende,
« Que me encurve, ou que me torça.
« Desprezada por humilde
« Não desafio a ambição
« De me partirem, queimarem,
« Reduzindo-me a carvão.
« Porém tu Arvore excelsa,

« Destes males não te izentas;
« Em carvão podem tornar-te,
« Podes ceder ás tormentas.
Palavras não erão ditas,
Hum pavaroso tufão,
Com impeto desusado,
Prostra o Sobreiro no chão.
Os ramos despadaçados,
Tendo as raizes á mostra,
Do soberbo indica a imagem
Quando o orgulho o Ceo lhe prostra.
Domavel a humilde cana
Do estrago o horror não sentia;
Que se hia ao chão n'hum momento,
No outro momento se erguia.
Assim potente orgulhoso
He muito mais arriscado
Nas politicas procellas,
Do que o pobre desprezado.

O CONSELHO DOS RATOS.

Havia hum Gato Maltez,
Honra, e flor dos outros Gatos;
Rodilardo era o seu nome,
Sua alcunha Esgana Ratos.
As Ratazanas mais feras
Apenas o percebião,
Mesmo lá dentro das tocas
Com susto delle tremião;
Que amortalhava nas unhas
Inda o Rato mais machucho,
Tendo para o sepultar
Hum cemiterio no buxo.
Passava entre aquelles pobres,
De quem hia dando cabo,
Não por hum Gato Maltez,
Sim por hum vivo Diabo.
Mas Janeiro ao nosso Heroe
Já dor de dentes causava,

E elle de telhas acima
O remedio lhe buscava.
Dona Gata Tartaruga,
De amor versada nas lides,
Era só por quem na roca
Fiava este novo Alcides.
Em tanto o Deão dos Ratos,
Achando léo ajuntou
N'hum canto do estrago o resto,
E ancioso assim lhe fallou:
« Em quanto o permitte a noite
« Cumpre, Irmãos meus, que vejamos
« Se á nossa commum desgraça
« Algum remedio encontramos.
« Rodilardo he hum verdugo
« Em urdir nossa desgraça,
« Se não se lhe obstar veremos
« Finda em breve a nossa raça.
« Creio que evitar-se póde
« Este fatal prejuizo;
« Mas cumpre que do agressor
« Se prenda ao pescoço hum guizo.
« Bem que ande com pés de lã,

« Quando o cascavel tenir,
« Lá onde quer que estivermos
« Teremos léo de fugir.
Foi geralmente approvado
Voto de tanta prudencia;
Mas era a duvida achar
Quem fizesse a diligencia.
« Vamos saber qual de vós,
Disse outra vez o Deão,
« Se atreve a dar ao proposto
« A devida execução.
« Eu não vou lá, disse aquelle;
« Menos eu, outro dizia;
« Nem que me cubrissem de ouro,
Respondeo outro, eu lá hia.
Pois então quem ha de ser?
Disse o severo Deão;
Mas todos á boca cheia
Disserão: eu não, eu não.
Tornou-se em nada o Congresso;
Que o aperto ás vezes he tal,
Que o remedio que se encontra
Inda he peor do que o mal.

Assim mil cousas se assentão
N'huma Assembleia, ou Conselho;
Mas vê-se na execução,
Que tem dente de Coelho.

O LOBO PLEITEANDO CONTRA O RAPOSO, PERANTE O MACACO.

Queixou-se huma vez hum Lobo
De que se via roubado,
E hum máo vizinho Raposo
Foi deste roubo accusado.
Perante o Mono foi logo
O Réo pelo Author levado,
E alli se expoz a querella
Sem Escrivão, nem Letrado.
« A' porta da minha furna,
Dizia o Lobo enraivado,
« Pégadas deste gatuno
« Tenho na terra observado;
Dizia o Réo em defeza:
« Tu qu' és ladrão refinado!
« O que? se vives de roubos,
« Podia eu ter-te furtado?
« Furtaste, mentes; não minto,

Questões, gritos muito enfado,
Já do severo Juiz
Tinhão a testa azoado.
Nunca Themis vio hum pleito
Tão dubio, tão intrincado!
Nem que pelos litigantes
Fosse tão bem manejado.
Mas da malicia dos dois
Instruido o Magistrado,
Lhes disse « á tempo qu' estou
« De quem vós sois informado:
« Por tanto, em custas em dobro
« Seja hum, e outro multado,
« E tanto o Reo, como o Author
« Por tres annos degradado.
Dando por páos, e por pedras
O Mono tinha assentado,
Que sempre acerta o Juiz
Quando condemna hum malvado.

OS DOIS TOUROS, E A RÃ.

Brigavão dois grandes Touros
D'huma formosa manada
Sobre qual teria a posse
D'huma Novilha estrellada.
Huma Rã vendo o combate
N'hum tom lhes disse modesto:
« Fidalgos, deixem questões,
« Qu' hum fim sempre tem funesto.
« Não considerão, Senhores,
« Que o termo destas pendencias
« Vem sempre a ser o desterro
« De hum de vossas Excellencias?
« Porque conforme o costume,
« O que vencido ficar,
« Estas campinas viçosas
« Ha de por força deixar;
« Que o vencedor logo o expulsa
« Destes campos deleitosos,

« E terá qu' ir pascer limos
« Em terrenos pantanosos;
« Alli fará que sejamos,
« Quando com seus pés nos mate;
« As victimas innocentes
« Deste indiscreto combate:
« Porque nos paúes mettido,
« Com suas feras patadas
« Dos charcos no fundo, he obvio,
« Que fiquemos esmagadas.
Tudo quanto a Rã predisse
Se entrou a verificar;
Fugio do campo o vencido,
E foi paúes habitar.
Alli o Povo coachante
Negros desastres soffreo;
Que esmagado a toda a hora
A maior parte morreo!
Assim nas mutuas desordens
Dos Grandes, dos Potentados
Quasi sempre os mais pequenos
Vem a ser os esmagados.

O MORCEGO, E AS DUAS DO'NINHAS.

Entrou, por tonto, hum Morcego
Na toca de huma Dóninha,
Qu' immensa aversão aos Ratos
Havia tempo que tinha.
Saltou-lhe ella em cima logo,
Dizendo « O' cão, morrerás,
« Vens-me nas unhas cahir
« Sabendo o horror, que me dás?
« Rato acaso tu não és?
« Dize, cara de fuinha?
« He tão certo seres Rato,
« Como he certo eu ser Doninha.
« Perdoai, respondeo-lhe elle,
« Só diz isso algum perverso,
« Eu sou Ave, não sou Rato,
« Graças ao Pai do Universo!
« Vede nas azas, que tenho,
« Das Aves o distinctivo,

« Viva quem vive nos áres
« Qu' eu tambem nos áres vivo.
Ella crendo não ter elle
Nem com Ratos parentesco,
Concedeo-lhe a liberdade,
E o tratante pôz-se ao fresco.
Entrou, passados tres dias,
Outra vez o tontarrão,
Na toca de outra Dóninha,
Que ás Aves tinha aversão.
Ei-lo novamente em risco,
Que a dona da casinhola
Crendo ser Ave, intentou
Dar-lhe no buxo gaiola.
« Tu és Ave, ella lhe disse:
« E as aves fazem-me affronta,
« Senhora: lhe tornou elle
« Não me tenhais nessa conta.
« Nas Aves as pennas são
« Sua essencia, e seu ornato;
« Eu tenho pello, e não pennas,
« Logo ave não sou, sou Rato.
« Vivão os Ratos, e eu viva!

Disse: e a Dóninha inexperta
Deixou-o safar das unhas,
Ficando de boca aberta.
Assim salvou o tratante
A vida por duas vezes;
E assim tambem se tem salvo,
Por gírios, muitos freguezes.
Se este partido governa,
Fazem-se deste partido;
Se este decahe, e vem outro,
O outro he logo preferido.
Ninguem confie em tal corja
Voluvel, traidora, e fraca,
Qu' andando c'os tempos vira
A cada instante a casaca.

O Lenhador

O LENHADOR.

Hum misero Lenhador,
Que oitenta invernos contava,
C' hum feixe de Lenha ás costas
A passos lentos andava.
Pela idade enfraquecido,
Alem do sustento escasso,
Tropeçou, cahio-lhe o feixe,
Fazendo hum golpe n'hum braço.
Depois com pranto nos olhos
Alguns alentos cobrou,
E reflectindo em seus males,
Sentado, assim declamou:
« Mais do qu'eu sou infeliz
« Não ha no globo hum vivente,
« Trabalho mais do que posso,
« E vivo assás indigente;
« Pouco pão, nenhum descanço
« Huma existencia opprimida,

« Ah! que não vejo quem tenha
« Tão dura, e penosa vida!
« Filhos máos, Mulher teimosa,
« Más pagas, duro Credor,
« Renda de Casas, impostos,
« Não ha desgraça maior!
« Vem, ó morte, ó morte amavel!
« Soccorre a quem te appetece!
Eis o esqueleto da Morte
De repente lhe apparece;
E diz « Mortal que me queres?
Torna-lhe elle de mãos postas:
« Quero, amiga, que me ajudes
« A pôr este feixe, ás costas.
Na dôr deseja-se a morte;
Mas quando vem faz tremer;
Qu'he dos viventes o instincto
Antes penar que morrer.

A AVE FERIDA DE HUMA FLECHA.

Foi de huma flecha implumada
Huma das Aves ferida,
E assim ao seu matador
Fallou no extremo da vida:
« Contribuir deveremos
« Para a nossa ímpia desgraça,
« Dando pennas, que aligeirem
« A setta que nos traspassa?
« Das nossas azas as plumas
« Arrancais, progenie atroz,
« Que depois prezas em ferros
« Voar fazeis contra nós.
« Mas, ó próle de Japhet,
« Da nossa cruel desgraça
« Não zombeis, não façais moſa,
« Que o mesmo entre vós se passa.

« Mil vezes vos acontece
« A mesma infelicidade,
« Metade da gente as armas
« Dá contra a outra metade.

A PODENGA E A COMPANHEIRA.

Huma Podenga pejada,
Que á tempo andava fugida,
Pedio emprestado o alvergue
D'outra sua conhecida.
Ella por bom coração
A morada lhe cedeu,
Chegando a ficar na rua
Com muito incommodo seu.
Deo á luz quatro cachorros,
Com bom successo, a hospedada,
E foi logo no outro dia
Pela amiga visitada.
A' mostra os Nénés vierão,
Do bom parto a mãi fallou,
E cousa alguma a respeito
Da sahida se tratou.
Passado algum tempo veio
Da casa a dona outra vez,

E expoz-lhe o seu desarranjo
Com a maior polidez.
A intrusa lhe diz: « Senhora,
« Como hei de a casa deixar,
« Se estes pobres innocentes
« Inda não podem andar!
« Perdoe-me, tenha paciencia,
« Dê-me algum tempo de espera;
« Pois sim, não se afflija, a outra
Lhe tornou muito sincera.
Despedio-se, foi-se embora,
Voltando passado hum mez;
E que lhe cedesse a casa
Lhe pedio segunda vez;
A intrusa os dentes mostrando,
E a matilha prole sua,
Chegando á porta lhe disse
« Se pódes põe-nos na rua. »
Da casa a dona ficando
Do qu' escutava aturdida,
Poz-se ao fresco antes que fosse
Alem d'expulsa, mordida.
Abusa sempre o perverso

Do nosso bom coração,
Não larga o que lhe emprestamos
Sem huma horrivel questão,
O bem que se faz aos máos
Quasi sempre se deplora,
Mette a gente em casa ás vezes
Quem a expulsa della fóra.

A AGUIA, E O ESCARAVELHO.

De veloz Aguia fugindo
Novo pequeno Coelho,
Encontra na fuga a toca
D'hum graúdo Escaravelho. (1).
Posto que tenue este abrigo
Buscando salvar a pelle,
Julgar-se póde se o triste
Faria por entrar nelle.
Commovido o Escaravelho

(1) Pouco verosimil he, que hum coelho possa entrar na toca de hum escaravelho; he por isso que eu figuro o coelho pequeno, e o escaravelho graúdo, que podia ser daquelles a quem os Naturalistas chamão *escarabeus-elephas*, que tem duas pollegadas e meia de grossura, e tres de comprimento, e se encontrão em Moka, em Surinam, e na Guiana na America meridional.

Do mal daquelle infeliz,
A' feroz Aguia intercede,
E cortezmente lhe diz:
« Ave Real, neste pobre
« Meu compadre, e meu vizinho
« Tuas garras não empregues,
« Tem dó delle coitadinho!
« Sei que para tí não obsta
« O asilo da minha casa;
Ella nisto hum safanão
Lhe dá com o coto d'aza.
A victima infausta empolga
Do abrigo tendo zombado,
Deixando o bom protector
De frio susto embaçado;
No qual esta horrivel scena
Faz tão rápida mudança,
Que toda a sua piedade
Se torna logo em vingança.
Vai ao tronco onde o seu ninho
Tinha a cruel Aguia feito,
Quebra-lhe os ovos, e vem
Inda pouco satisfeito:

Ella vendo o fero estrago
Da sua prole querida,
Com gritos atrôa os ares,
Tenta contra a propria vida.
Tomar severa vingança
Em vão do insulto pertende,
Que a pequenhez do agressor
Da sua raiva o defende.
No anno seguinte mais alto
Vem seu ninho edificar,
Mas lá mesmo o vingativo
Lhe vai os ovos quebrar.
Assim do Coelho a morte
Segunda vez he vingada,
E a sua atroz matadora
Sente afflicção duplicada.
Seis mezes com vãos grasnidos
Atrôa montes, e valles:
Faz este enojo segundo,
Que se exacerbem seus malles;
Protecção pedindo a Jove
Seu Templo excelso procura,
E do Numen no regaço

Guarda a terceira postura.
Naquelle asilo sagrado
Põe toda a sua esperança,
Que tem no abrigo do Nume
Do seu ninho a segurança.
Mas de tom muda o contrario
Que os passos todos lhe espreita,
Põe-se d'alto, e immunda escoria
Sobre o manto ao Numen deita;
O Sacerdote do Templo
Indo-lho logo limpar,
O ovos do occulto ninho
Deixa cahir, e quebrar;
Quando a feroz Aguia observa
Aquella nova desgraça,
Faz desatinos de louca,
E ao mesmo Jove ameaça.
Qu' ha de abandonar-lhe a Corte,
E ir viver para os desertos,
Diz ao Monarcha dos Numes
Com outros mil desacertos.
Jove em honra á sua Estatua
Manda, por Ordem Real,

Comparecer o agressor
Perante o seu Tribunal.
  Elle vem, expõe-lhe o facto,
Conta a sorte do Coelho,
D'Aguia o Deos reprehende a insania,
E a teima do Escaravelho.
  E fazendo esforços vãos
Sem que os possa acordes vêr,
Assim decreta, do Fado
Tendo ouvido o parecer:
  « De amor, ó Aguia, sómente
« Sentirás o impulso terno,
« Quando o Escaravelho obtuso
« Esteja em quarteis d'inverno.
  Assim foi, e assim se cumpre,
Deixando ver ao mortal,
Que ás vezes do mais pequeno
Póde vir o maior mal.

O LEÃO, E O MOSQUITO.

Disse hum Leão por desprezo
A certo Mosquito ardente
« Vai-te, escoria vil da terra,
« Vai-te, nónada vivente.
Jura-lhe guerra o Mosquito
Do que ouvira hum tanto azedo,
E diz-lhe: « Acaso tu pensas,
« Qu'eu de Leões tenho medo!
« Por qu'és das feras Monarcha
« Nada me dás que temer,
« Maior do que és he hum Touro
« E eu faço-o terra comer.
Disse o trombeteiro heróe;
E tomando hum ár agreste,
A trombeta horrenda toca,
E ao fero inimigo investe;
Entre as jubas no pescosso
Lhe ferra o duro ferrão,

Como louco salta, e escuma
Ruge, e morde-se o Leão.
Amedronta as outras feras
O seu furor inaudito,
Atrôa os Ceos, sendo tudo
Obra de hum tenue mosquito.
O aborto d'huma vil mosca
Por mil portes o molesta,
Punge-lhe o peito, o focinho,
Os olhos, o lombo, a testa;
Este invisivel contrario
Triumpha do seu furor,
Garras, dentes, raiva, tudo
Lhe inutiliza o traidor;
Com a cauda açoita as ancas,
Sacode a increspada Juba,
Até que a extrema fadiga
Vencido em terra o derruba.
Do combate se retira
O insecto cheio de gloria,
E he a trombeta do ataque
A que apregôa a victoria.
Porém quando mais vaidoso

Seu valor, e esforço gaba,
Topa huma teia de aranha,
Que a vida, e gloria lhe acaba.
Não desprezes por pequeno
O teu contrario tambem;
Porque delle as mais das vezes
O maior mal te provem.
Nem tão pouco em bens confies
Desta vida transitoria;
Qu'huma só teia de aranha
Murchar póde a tua gloria.

OS DOUS BURROS CARREGADOS.

Qual Romano Imperador
Hum páo por Sceptro levava,
E a dois Frizões orelhudos
Hum Burriqueiro guiava;
Hum delles trazia esponjas,
E qual postilhão corria;
O outro de sal carregado
Os pés apenas mexia;
Hum sem custo, outro com elle
Montes, e vales andárão,
Até que ao váo d'hum ribeiro
Ultimamente chegárão.
No que levava as esponjas
O Burriqueiro montou,
E fez ir para diante
O que de sal carregou.
Elle o váo desconhecendo
Pregou com sigo no pégo,

Nadou, veio acima, e vio
Alliviado o carrego:
Porque o sal, de que era a carga,
Derreteo-se n'agoa entrando,
E o seu conductor já leve
Poz-se em terra, e foi trotando.
O Camarada Espongeiro,
Que o vio tão leve sahir,
Quiz á sua imitação
Tambem no pégo cahir.
Ei-lo nas agoas submerso,
Esponjas, e Burriqueiro,
Todos tres bebendo á larga
Querem seccar o Ribeiro.
Tão pezados se fizerão,
Por beberem sem cessar,
Que succumbindo o jumento,
Não pôde as margens ganhar.
O homem lutava co' a morte,
Té qu' hum Pastor lhe acudio;
Mas o Burro das Esponjas
Foi ao fundo, e não surdio.
Guiar por cabeças más

Não he hum bom portamento;
A's vezes a dita de hum
Faz a desgraça de hum cento.

O LEÃO, E O RATO.

Sahio da toca aturdido
Damninho pequeno Rato,
E foi cahir insensato
Entre as garras d'hum Leão.
Eis o Monarchà das feras
Lhe concedeo liberdade,
Ou por ter delle piedade,
Ou por não ter fome então.
Mas esta beneficencia
Foi bem paga, e quem diria!
Que o Rei das feras teria
D'hum vil Rato precisão!
Pois qu' huma vez indo entrando
Por huma selva frondosa,
Cahio em rede enganosa
Sem conhecer a traição.
Rugidos, esforços, tudo
Balda sem poder fugir-lhe;

Mas vem o Rato acudir-lhe
E entra a roer-lhe a prizão.
Rompe com seus finos dentes
Primeira, e segunda malha;
E tanto depois trabalha,
Que as mais tambem rotas são.
O seu bemfeitor liberta
Huma divida pagando,
E assim á gente ensinando
De ser grato a obrigação.
Tambem mostra aos insoffridos,
Que o trabalho com paciencia
Faz mais, que a força, a imprudencia
Dos qu' em furia sempre estão.

A POMBA, E A FORMIGA.

Em quanto a sede huma Pomba
Em clara fonte mitiga,
Vê por hum triste desastre
Cahir n'agoa huma formiga.
N'aquelle vasto Oceano
A pobre luta, e bracêja,
E vir á margem da fonte
Inutilmente deseja.
A Pomba por ter dó della
N'agoa huma ervinha lhe lança;
Neste vasto promontorio
A triste salvar-se alcança.
Na terra a põe huma aragem;
E livre do precipicio,
Acha logo occasião
De pagar o beneficio.
Que vê atraz de hum vallado,
Já fazendo á Pomba festa,

Hum descalço Caçador,
Que dura farpa lhe assesta.
Suppondo-a já na panella
Diz « hei de-te hoje cear;
Mas nisto a formiga astuta
Lhe morde n'hum calcanhar.
Succumbe á dor, torce o corpo
Erra o tiro, a Pomba foge;
Diz-lhe a formiga « coitado!
« Foi-se embora a cêa de hoje.
De bôca aberta ficando,
Conhece o pobre glotão
Que só devemos contar
Com o que temos na mão.
E posto em fim que haja ingratos,
Notar devemos tambem,
Que as mais das vezes no mundo
Não se perde o fazer bem.

O ASTROLOGO.

Hum Astrologo, que attento
No aspecto dos Astros lia,
Que no porvir bens, e males
Adivinhar pertendia,
Indo co' os olhos no Ceo
Dentro d'hum poço cahio,
E vendo males ao longe,
O mal proximo não vio.
Des homens a fatuidade
Os faz cahir na loucura
De escrutar nos Ceos arcanos,
De ler na idade futura.
Estè acaso, ou providencia,
Que no Globo nos dirige,
Antes que as cousas succedão
Não se prevê, nem collige.
Não coube ao fragil vivente
Rasgar do futuro o vco,

Nem prescrutar, ou saber
Sabios arcanos do Ceo.
Que dos Orbes o Architecto
Nos Astros posto não tem,
Para que o leão no mundo,
Dos mortaes o mal, e o bem.

A LEBRE, E AS RÃS.

Huma Lebre em sua toca,
Supponha-se o que faria,
Temerosa estava á lerta
A ver se passos sentia.
Melancólica por genio
Ralava-se de temor,
E sentia hum sobresalto
Ao mais pequeno rumor.
« Quanto infausta sou, dizia,
« No centro destes desertos,
« Onde o susto me constrange
« A dormir d'olhos abertos!
« Talvez que muitos me digão:
« D'alma esse medo sacode;
« Mas se elle he de natureza,
« Quem he que mudalla póde?
« Talvez tambem que os mais passem
« Em sustos os dias seus;

« Porém os males dos outros
« Não remedeião os meus.
Sempre inquieta, e duvidosa
Assim razoava a Lebre,
Hum vento, huma sombra, hum nada
Lhe dava hum susto, huma febre.
Era tempo de ir ao pasto,
E de largar o seu ninho,
Qu' he ditado: frio, e fome
Mettem a Lebre a caminho.
Sahe; porém logo escutando
Hum tiro, que ao longe sôa,
Mette pernas a esconder-se
Nos juncos d'huma lagôa.
Ao vêlla as Rãs d'improviso
Saltão n'agoa temerosas,
E vão no fundo esconder-se
Das suas lapas limosas.
« Que vejo? O' Ceos! clama a Lebre,
« Medo estas Rãs de mim tem!
« O mesmo que os mais me fazem
« A ellas faço eu tambem!
« Ponho em susto hum povo inteiro,

« E sou qual raio da guerra!
« Quem me faz tão forte, quando
« Tudo me assusta, e me aterra?
Inda o que for mais medroso
Ha de outro medroso ver,
A quem huma vez ao menos
De susto faça tremer;
Igualmente o desditoso
Não deve desesperar,
Qu' outro mais infeliz qu' elle
Póde no mundo encontrar.

O RAPOSO, E O GALLO.

Sobre hum tronco estando á lerta
Velho Gallo astucioso:
« Irmão, com voz de falsete
Lhe diz hum destro Raposo.
« Venho alviçaras pedir-te,
« E mil parabens te dou,
« Nossas guerras se acabárão,
« Por quanto a paz se assignou.
« Já todos somos amigos,
« E quaes irmãos viviremos;
« Desce, que abracar-te quero
« Em prova da paz que temos.
« Fui hoje eu mesmo incumbido
« Desta dita enunciar,
« Desce, vem, não te demores,
« Que tenho muito que andar;
« Tu, e os teus podem sem susto
« Por toda a parte correr,

« Desce, e o beijo fraternal
« Vem como irmão receber.
« Amigo, lhe torna o Gallo
Conhecendo-lhe a malicia,
« Tu não me podias dar
« Mais agradavel noticia.
« Paz entre as feras, e as aves!
« Ah! que morro de prazer!
« Mas espera que lá vejo
« Vir dois Galgos a correr!
« São postilhões certamente,
« Qu' esta paz vem publicar,
« Eu já desço, e todos quatro
« Nos podemos abraçar.
« Adeos, lhe torna o Raposo,
« Não posso deter-me agora,
« Outra vez nos juntaremos,
« He já tarde, vou-me embora.
Mais ligeiro do que hum Gamo
Se poz ao fresco o manhoso,
De não pegarem as bichas
Nimiamente desgostoso.
E o nosso Gallo matreiro

Comsigo se poz a rir,
Vendo o tratante com medo
De orelha baixa fugir.
Qu' he hum prazer quando vemos
O enganador enganado,
Qual o que vai buscar lã
E vem por fim tosquiado.

A AGUIA, E O CORVO.

A veloz Aguia de Jove
Empolgou nédeo carneiro,
E foi de perto observada
Por impio corvo agoureiro;
Que bem que menor em forças
Não era menos glotão,
E empolgar logo outra rez,
Quiz á sua imitação;
Voava em torno das rezes
Indo-se-lhe os olhos nellas,
E apenas huma escolhia
Julgava as outras mais bellas.
Marcou em fim entre todas
A que melhor parecia,
Era hum carneiro qu' aos Numes
Para holocausto servia.
Os olhos nelle cevando
Disse « O' rez das mais formosas!

« Bem haja quem te criou!
« Bem haja a relva que tosas!
« De pasto me servirás:
Eis erguendo hum novo adêjo
Cahe sobre o animal balante,
Que pezava mais qu' hum queîjo. (1)
Na espessa lã ferra as unhas,
Quer voar, mas céde ao pêzo;
E entre os véllos impessados
De mais a mais fica prezo.
O Pastor vem, ri da scena.
E prendendo-o por hum pé
Leva-o aos filhos, que logo
Lhe dão tratos de polé.
Deve sondar suas forças
Quem entra em qualquer empreza;
Que nem tudo he para todos
Na ordem da Natureza.

(1) Allusão á fabula do corvo que furtou o queijo.

O PAVÃO QUEIXANDO-SE A JUNO.

A Juno o Pavão se queixa
Dizendo « O' Deosa Celeste;
« Com razão de ti murmuro
« Pela má voz que me deste.
« Sou Ave tua, e se quero
« Entoar os teus louvores,
« Estrujo os campos em torno
« Com meus guinchos troadores;
« O Rouxinol tão mesquinho
« Deleita, se a voz levanta,
« He honra da Primavera,
« De ouvillo o mundo se encanta!
Irada lhe torna Juno:
« Cala-te, nescio invejoso,
« Porque desejas as vozes
« Do Rouxinol sonoroso?
« De ricas pedras ornada
« Não parece a cauda tua?

« O listão do Iris brilhante
« Em teu cóllo não fluctua?
« Ave nenhuma passêa,
« Que tanto pareça bem,
« Em si ninguem reunir póde
« Quantos dotes os mais tem.
« Repartio seus dons com todos
« A proficua Natureza,
« A's Aguias coragem deo,
« Deo aos Falcões ligeireza;
« Por presagio o Corvo grasna,
« O Mocho nas mortes pia,
« A gralha males futuros
« Com seu clamor presagia.
« Do que são se aprazem todos;
« E se torno a ouvir queixar-te,
« Darte-hei voz de Filomela,
« Mas hei de as plumas tirar-te.
Não quiz o invejoso a troca;
Qu' he nosso instincto invejarmos
Sempre o que os outros possuem,
Sem o qu' he nosso largarmos.

O HOMEM, E A GATA.

Hum homem tinha huma gata
Por quem morria de amor,
Belleza lhe achava, encantos,
E hum não-sei-qué seductor.
Inda mais louco que os loucos,
Por ella extremos fazia,
Até julgava que, amor,
Quando miava dizia;
Com pranto, rogos, prestigios
Pôde obter da sorte dura,
Que lha mudasse em mulher;
Que tanto póde a loucura!
Fez della a sua metade,
Dando-lhe de Esposo a mão:
Nenhuma Bella ao seu noivo
Prendeo tanto o coração.
Elle fazia-lhe affagos,
Ella amoroso carinho;

Mas turbava este prazer
Qualquer ligeiro ratinho:
Porque de noite na cama
Apenas algum sentia,
Madama saltando á casa,
Para apanhallo corria.
Rato a vir, Noivo em cuidados,
Olho á mira, ouvido á lerta;
O Marido sem socego
Estava de boca aberta!
Da tranquilla posse oriundo
Já o froxo dissabor
Lhe trocava em triste enojo
A chamma antiga de amor.
Enfados, costas viradas,
Tromba, e mesmo cachação,
Da Esposa nunca mudavão
A natural propensão.
Precauções nada fazião;
Qu' inda mesmo estando preza,
Saltava em sentindo Ratos,
Tanto pôde a Natureza!
Corrigir ninguem consegue

Mulher, que por genio he má;
Que sómente a cova tira
Propensões, que o berço dá.
O appetite, e novidade
São véos, que cobrem deffeitos,
Que avultão depois, e enfadão
Quando estamos satisfeitos.

O BURRO, E O LEÃO CAÇADOR.

Metteo-se em cabeça hum dia,
Hum dia de madrugada,
Ao tyranno Rei das Feras
Ir fazer huma caçada.
Ora a caça do Leão
Não he quaesquer bagatellas,
Sim nédeos Corsos, bons Gamos,
Javalis, gordas Vitellas;
Depois de pensar na empreza
Chama o Burro, e lhe destina,
Que lhe ha de servir na caça
De corneta, ou de buzinha.
Cobre-o de verde ramagem,
E depois vai-se esconder,
Tendo-lhe dito primeiro
O que devia fazer;
Eis dos zurros a procella
Sôa, qual trovão troador!

O descostume de ouvillos
A's feras enche de horror;
Errantes, espayoridas
Dos covís profundos sahem,
Mas nas garras do Leão
Incautas aos centos cahem;
Depois de finda a caçada,
Muito ufano o Burro diz:
« Então, Senhor, não fui causa
« D'aquisição tão feliz?
« Sim, lhe responde o Leão,
« Tens grandemente zurrado,
« Se quem és não conhecesse,
« Ter-me-hia eu mesmo atterrado!
O Burro foi-se raivoso
D'aquelle máo galardão;
Mas quem póde sem desprezo
Ver hum asno fanfarrão?
Faz-se proveitoso o inutil
Pela industria do entendido,
E até dos zurros de hum asno
Se tira ás vezes partido.

A RAPOSA, E A CEGONHA.

Quiz a Raposa matreira,
Qu' excede a todas na ronha,
Lá por piques d'outro tempo
Pregar hum opio á Cegonha.
Topando-a lhe diz « Comadre,
« Tenho á manhã bellas migas,
« E eu nada como com gosto
« Sem convidar as amigas;
« De lá ir jantar comigo
« Quero que tenha a bondade,
« Vá em jejum; porque póde
« Tirar-lhe o almoço a vontade.
Agradeceo-lhe a Cegonha
Húma offerenda tão singella,
E contava, que teria
Huma grande fartadella.
Ao sitio aprazado foi,
Era meio dia em ponto,

A Raposa e a Cegonha

E com effeito a Raposa
Já tinha o banquete prompto.
Espalhadas n'hum lagedo
Poz as migas do jantar,
E á Cegonha diz « Comadre,
« Aqui as tenho a esfriar;
« Creio qu' estão muito boas
« — Sans façon — vamos a ellas,
Eis logo chupa metade
Nas primeiras lambedellas;
No longo bico a Cegonha
Nada podia apanhar,
E a Raposa em ar de mofa
Mamou inteiro o jantar.
Ficando morta de fome,
Não disse nada a Cegonha;
Mas logo jurou vingar-se
D'aquella pouca vergonha.
E affectando ser-lhe grata
Disse « Comadre, eu a instigo
« A dar-me o gosto ámanhã
« D'ir tambem jantar comigo.
A Raposa lambisqueira

Na Cegonha se fiou,
E ao convite, ás horas dadas,
No outro dia não faltou.
Huma botija com papas
Prompta a Cegonha lhe tinha;
E diz-lhe « Sem ceremonia,
« A ellas, Comadre minha.
Já pelo estreito gargalo
Comendo, o bico mettia,
E a Esperta só lambiscava
O qu' á Cegonha cahia.
Ella depois de estar farta
Lhe disse « Prezada amiga,
« Demos mil graças ao Ceo
« Por nos encher a barriga.
A Raposa conhecendo
A vingança da Cegonha,
Safou-se de orelha baixa,
Com mais fome, que vergonha.
Enganadores nocivos,
Aprendei esta lição:
Tramas com tramas se pagão,
Qu' he pena de Talião.

Se quasi sempre os qu' illudem
Sem que os illudão não passão,
Nunca ninguem faça aos outros
O que não quer que lhe fação.

O VELHO, O RAPAZ, E O BURRO.

O Mundo ralha de tudo,
Tenha, ou não tenha razão;
Quero contar huma historia
Em prova desta asserção.
Partia hum Velho camponio
Do seu monte ao povoado;
Levava hum neto que tinha,
No seu burrinho montado:
Encontra huns homens que dizem:
« Olha aquella que tal he!
« Montado o rapaz, qu' he forte,
« E o velho tropego a pé.
« Tapemos a boca ao mundo,
O velho disse « Rapaz,
« Desce do burro, qu' eu monto,
« E vem caminhando atraz.
Monta-se, mas dizer ouve
« Que patetice tão rata!

« O tamanhão de burrinho,
« E o pobre pequeno á pata.
« Eu me apeio » diz prudente
O velho de boa fé,
« Vá o burro sem carrego;
« E vamos ambos á pé:
Apeião-se; e outros lhe dizem
« Toleirões, calcando lama!
« De que lhe serve o burrinho?
« Dormem com elle na cama?
« Rapaz, diz o bom do velho;
« Se de irmos a pé murmurão,
« Ambos no burro montemos,
« A ver se inda nos censurão.
Montão, mas ouvem de hum ladó
« Apêem-se, almas de breu,
« Querem matar o burrinho?
« Aposto que não he seu.
« Vamos ao chão » diz o velho,
« Já não sei qu' hei de fazer!
« O mundo está de tal sorte,
« Que se não póde entender.
« He máo se monto no burro,

« Se o rapaz monta, máo he,
« Se ambos montamos, he máo;
« E he máo se vamos a pé:
« De tudo me tem ralhado,
« Agora que mais me resta?
« Peguemos no burro ás costas,
« Façamos inda mais esta.
Pegão no burro; o bom velho
Pelas mãos o ergue do chão,
Pega-lhe o rapaz nas pernas;
E assim caminhando vão.
« Olhem dois loucos varridos!
Ouvem com grande susurro,
« Fazendo mundo ás avessas,
« Tornados burros do burro!
O velho então pára, e exclama:
« Do qu' observo me confundo!
« Por mais qu' a gente se mate,
« Nunca tapa a boca ao mundo.
« Rapaz vamos como d'antes
« Sirvão-nos estas lições;
« He mais que tolo quem dá
« Ao mundo satisfações.

AS RÂS PEDINDO HUM REI.

Cançadas já do seu frouxo
Democratico Governo,
As Rãs, com preces, hum Rei
Pedirão a Jove eterno.
Hum Rei pacifico, e docil
Manda Ammon (1) dos Ceos cahir;
Mas do baque o estrondo logo
As faz de susto fugir.
Longo tempo não ousárão
Ver do Monarcha o semblante,
Julgando humas qu' era de ouro,
Outras hum fero Gigante;
Mas o Rei era hum Cavaco,
Cuja grave sob'rania

(1) Ammon he Jupiter, que se adorava na forma de hum carneiro.

Encheo de susto a primeira;
Que de o ver teve a ousadia.
Aproximou-se tremendo
Ao vulto do Semi-Nume,
Outra a seguio, depois outra,
E assim as mais em cardume.
Este povo com seu Rei
Fez-se tão familiar,
Que até chegava por fim
Em cima delle a saltar.
O pacifico Senhor
Firme tudo supportava;
Mas seu Povo descontente
Assim de Ammon se queixava:
« Quando tal Rei nos mandaste
« Estavas dormindo, ó Jove,
« Dá-nos hum Rei forte, esperto,
« Não hum páo, que se não move.
Jupiter hum Grou lhe envia,
Que as mata, e come aos cardumes,
Eis as Rãs logo a queixar-se,
E eis lhes torna o Pai dos Numes:
« Descontentes vos queixaveis

« Do governo que vos dei,
« Pedistes que hum Rei vos desse,
« E eu logo vos puz hum Rei.
« O ser pacifico, e bom
« Foi de o insultardes motivo,
« Voluveis pedistes-me outro
« Mais esperto, e mais activo.
« Dei-vos agora o que tendes
« Forte, inquieto, e punidor,
« Deveis soffrello; que póde
« Vir outro muito peor.
Naquelle estado em que estamos
Contentes nunca vivemos,
E acontece as mais das vezes
Lamentarmos se o perdemos.

A AGUIA, A PORCA, E A GATA.

Veloz Aguia n'hum Sobreiro
Tenros filhos aninhava;
E em baixo no chão tambem
Huma Porca os seus criava.
Em meio de ambas no tronco,
Onde funda toca havia,
Com seus filhos igualmente
Esperta Gata vivia.
Gozavão as tres familias
Alli da união mais grata:
Mas turbou esta harmonia
Com mexericos a Gata.
Onde a Aguia (1) vivia entrou,

(1) A Aguia em quanto cria os seus filhos, não devora os animaes que vivem pouco distantes do seu ninho.

Dizendo « Senhora minha,
« Venho contar-lhe a insolencia
« Da Porca nossa vizinha.
« Junto ao pé deste sobreiro
« De dia, e noite a fossar,
« Vai-lhe roendo as raizes
« Até por terra o lançar;
« Então nossos tenros filhos,
« E nós mesmas, sem piedade
« Diz que seremos objecto
« Da sua voracidade.
« Vós estais melhor do que eu,
« Qu' em vendo o tronco abalar,
« Podeis nas garras voando
« Os vossos filhos salvar.
« Mas eu triste... Ah! desgraçada!
Nisto com mil caramunhas
Despedio-se, e foi descendo
Segurando-se nas unhas;
Entra no covil da Porca,
E diz-lhe em voz de mansinha,
« Mal sabe, amiga, o que vai
« Com esta nossa vizinha!

« Mas antes qu' eu diga tudo,
« Jure guardar-me segredo,
« Qu' eu d'aquella atraiçoada,
« Vivo tremendo com medo!
« Diz que em vendo que você
« A tratar da vida sai,
« Logo dentro do covil
« A matar-lhe os filhos vai.
Quando a Porca tal ouvio
Ficou peor do que as furias,
E contra a innocencia d'Aguia
Vociferou mil injurias.
Tendo entre as duas familias
A Gata o horror semeado,
Sóbe, mette-se na toca,
Esperando o resultado.
A veloz Aguia os filhinhos
Cobre, e jura não deixallos,
Para que tombando o tronco
Possa do insulto salvallos;
Bem qu' estalasse de fóme
Por temor nunca sahia;
E no seu covil fechada

A Porca o mesmo fazia.
Sendo o estearmos a vida
Sempre o primeiro dever,
Deixárão-se ambas de fóme
Com seus filhinhos morrer;
Teve a Gata com seus filhos
Huma grande fartadella,
Até que hum Lobo chegando
Jantar fez delles, e della.
D'insanos mexeriqueiros
Quem tem casa, tenha medo;
Que as desgraças das familias
Vem a fazer tarde, ou cedo.
Com pés de lã se introduzem,
Trazem, levão, contão, mentem;
E os qu' ás intrigas dão pezo,
No fim de tudo he que o sentem.

O BEBADO, E A MULHER.

Não se corrigem defeitos.
Por vicio, ou costume antigo:
Conto hum caso para exemplo;
Qu' eu provo sempre o que digo.
Hum certo Ermitão de Baccho,
Ou esponja das tabernas,
Saude, e bolsa estragava
Em bebedeiras eternas.
Huma vez que o roxo çumo
O tinha posto de borco,
E que a mulher o divisa
A dormir bem como hum porco;
Por ver se o terror o emenda,
Antes qu' ao vicio succumba,
Veste-lhe triste mortalha,
E dentro o põe d'huma tumba.
Elle passado algum tempo,
Apenas cose a fornada,

Acorda, abre os olhos, e ergue
Em torno a vista espantada!
Vê tochas, Eça, Caixão,
Triste aparelho de morte!
Clama « que magoa! ficou
« Viuva a minha consorte!
Ella qu' estava escondida,
Mascarada em Furia sai,
E assim, nos bicos dos pés
Chegando-se á tumba vai.
Traz nas mãos huma caldeira
Com pêz, e bitume ardendo,
Qu' o fumo espesso qu' exhala
Faz o sitio mais horrendo.
O pobre que já se julga
No inferno estar verdadeiro!
Brada « Que digas quem és,
« O' fantasma, eu te requeiro.
« Sou do inferno a dispenseira,
Diz ella em tom exquisito,
« Qu' aos bebados cá primeiro
« Na tumba negra visito.
« Trago-lhe nesta caldeira

« O qu' elles hão-de comer.
Pergunta-lhe elle « O' amiga,
« E não trazes de beber?
Os vicios que se invetérão
São males que não tem cura;
Levão comsigo os humanos
A's trevas da sepultura.

O LOBO, E A CEGONHA.

Dando co' as mãos no focinho
Tussia hum Lobo engasgado,
Porque dentro das guelas
Tinha hum osso atravessado.
Eis que vio huma Cegonha,
E por gestos, por acções,
Que lhe acudisse rogou
Em tão grandes afflicções.
A mezinheira piedosa
Logo estendendo o pescoço,
Lhe tirou dos gorgomilos
Co' a maior destreza o osso.
Acabada a operação
Pedio-lhe a paga a Cegonha;
Mas o ingrato respondeo-lhe
Com esta pouca vergonha:
« Basta-te a gloria de teres
« Hoje a cabeça mettida

« Dentro da boca de hum Lobo,
« E inda gosares da vida;
« Devia ser outra a paga;
« Mas vai-te daqui, ó louca,
« E livra-te de me entrares
« Outra vez dentro da boca.
Sómente dos beneficios
Que aos maleficos prestamos,
O triste arrependimento
He o fructo que tiramos.

O LEÃO, E A PINTURA.

Estava ao publico exposta
Huma excellente pintura,
Onde hum homem lacerava
Hum Leão de atroz figura.
Do homem celebrava o povo
Esforço, e destreza tanta;
Mas passando hum Leão, disse:
« Muito a raridade encanta!
« Se os Leões fossem pintores
« Quadros houvera a milhões,
« Qu' homens ás duzias mostrassem
« Lacerados por Leões.
Raras vezes do inimigo
Se pinta hum caso a favor;
E ao contrario se exaggera
O qu' he em nosso louvor.

A MULHER TEIMOSA AFOGADA.

Hum homem qu' era casado
Com Mulher nescia, e teimosa,
Que tinha hum genio damnado;
Foi hum dia
Fazer certa romaria
Distante do povoado.
Eis que hum rio caudaloso
No fim da estrada encontrárão,
Que passar era forçoso:
O Marido
Sonda o váo, e prevenido
Teme entrar no pego undoso.
A Mulher teimosa, e má
Lhe diz: entra n'agoa, ó fona,
« Que perigo nenhum ha.
« Ha perigo,
Torna-lhe elle « E não prosigo:
E ella diz « Pois eu vou lá.

Nisto mette-se imprudente
A' levada impetuosa
Feita pela grossa enchente;
Então cai,
E indo ao fundo aos urros vai
Envolvida na corrente.
Atterrado o pobre Esposo
Vendo aquella atroz desgraça;
Inda quer salvalla ancioso;
Que a lastima,
E vai pelo rio acima
Procurando-a cuidadoso.
Os que virão abismalla
Vendo-o hir contra a corrente;
Dizem: « Valha-te huma balla;
« O' borracho;
« Se foi pelo rio abaixo
« Lá em cima he qu' has de achalla?
Torna-lhe elle: « Este dragão
« Sempre com todos viveo
« Em fera contradicção,
« E por má
« Juro que subindo irá;

« Se as agoas descendo estão.
« A's avessas da outra gente
« Andou toda a sua vida;
« Mas já teimosa imprudente
« Não será.
« Qu' o genio, que o berço dá
« Tira-o a tumba sómente.

O LEÃO DE LONGA IDADE.

Hum Leão já entrevado
Pela idade em que se via,
Dos seus Vassallos n'hum bosque
Crueis insultos soffria.
Chegou sorrateiro Lobo
E pregou-lhe huma dentada;
Deo-lhe o Cavallo dois couces
E o Touro dura marrada;
Minha fraqueza os faz fortes,
Clamava a fera infeliz!
Paciencia! agora me fazem
O mesmo qu' eu já lhes fiz.
Nisto aos pinotes zurrando
Farfante o Burro chegou,
E voltando-lhe a garupa
Quatro couces lhe atirou.
Ah! que affronta! que desgraça!
Disse o Leão, dando hum urro,

Antes mil vezes a morte,
Que soffrer couces d'hum Burro.
Quando qualquer poderoso
Decahe do antigo poder,
Conte que até do mais vil
Affrontas ha de soffrer.

A DO'NINHA NA DESPENSA.

Esguia, e longa de corpo
Entrou Madama Dóninha
Por hum estreito buraco,
Que certa despensa tinha.
Alli foi gente à esfaimada;
Sobre o toucinho saltou,
Roêo paios, e prezuntos,
E em tudo a sopa molhou;
Passados nove, ou dez dias.
Já nédea, gorda, e pezada,
Vindo hum criado á despensa
Por hum triz não foi pilhada;
Vendo o seu risco imminente
Quiz então salvar a pelle,
Foi-se ao buraco da entrada,
Porém não coube por elle.
Não ser o mesmo suppondo
Por onde alli tinha entrado,

Deo mil voltas, não vio outro,
E creo o caldo entornado:
« Neste buraco, então clama,
« Ha dez dias, sem mentir,
« Que para entrar coube, e agora
« Não caibo para sahir.
« Ou eu perdi todo o tino,
« Ou o buraco estreitou;
Mas nisto hum Rato já velho
Desta sorte lhe fallou:
« Magra, e faminta vieste,
« Gorda, e farta agora estás,
« Tórna a ser magra, e faminta,
« Logo sahir poderás.
« Se alguem comtigo aqui der,
« Faz-te os ossos em açorda;
« Reflecte se mais te agrada
« Viver magra, ou morrer gorda?
A Dóninha não fez caso;
E a mesma vida seguio;
Até que derão com ella;
E dura morte sentio.

A varios succede o mesmo
Em qualquer occupação;
Que o muito qu' engordar querem
Faz a sua perdição!

A RAPOSA, E AS UVAS.

Raposa matreira
Foi pôr-se debaixo
D'erguida parreira,
C'os olhos n'hum caxo
Das uvas mais bellas,
Contando com ellas;
Armou-lhes tres pulos,
Porém autos nullos,
Que não lhes chegou:
De novo saltou,
Mas teve igual sorte;
Buscando outro norte,
N'hum ar de desdem,
Torcendo o nariz,
Com gestos de quem
Por más não as quiz,
Foi pernas mettendo
Com lépido passo,

E disse entendendo,
Qu' as outras a ouvião:
« Estão em agraço,
« Nem cães as comião.
Ha muitos humanos
Que seguem taes planos
Por cousas se empenhão
Que sofregos querem,
E dellas desdenhão
Se não lhas conferem.

O GATO, E O RATO VELHO.

Ou eu li, ou m'o disserão,
Que havia hum algoz dos Ratos,
Hum Rodilardo segundo,
Hum Bonaparte dos Gatos.
Era huma legoa de roda
Temido mais qu' o Diabo,
E dos Ratos parecia
Querer d'huma vez dar cabo.
Armadilhas, Ratoeiras
Nada a par delle fazião,
Com medo a sahir das tocas
Os Ratos não se atrevião.
Vendo o ladino que a força
Já pouco podia obrar,
Recorreo a novo ardil
Para os poder enganar.
N'hum cordel se pendurou,
Miando em ar d'engasgado,

Metteo n'hum laço o pescoço
Fingindo estar enforcado.
Os Ratos, que a medo o virão
N'aquella triste postura,
Qu' era castigo julgárão
D'algum roubo, ou travessura;
Aquella supposta morte
Foi de mil festins assumpto,
Projectou-se huma função
Por exequias ao defunto.
Das tocas sahindo, e entrando,
Já na pelle não cabião,
Lambendo-se huns se lavavão,
Outros brincando corrião.
Mas não ha prazer completo;
Quando o rancho estava junto
Pregando hum pulo imprevisto,
Resuscitou o defunto.
Saltou nelles, pilhou muitos,
Dizendo antes de os trincar:
« São da guerra ardís, e haveis-me
« Todos na pança ficar.
« Para mim são fraco estorvo

« Vossas cavernas escuras;
« Contra vós triumpharão
« Minhas tramas, e imposturas.
Depois de trincar aquelles,
Segundo engano inventou;
Indo á casa de amassar
Na farinha se embrulhou.
Na taboa d'amassadeira
Embrulhado na farinha,
S'enroscou d'olhos á lerta
A ver a caça que vinha.
Trotava o Povo miudo
Naquelles sitios contente,
Sem que podesse antever
O seu perigo imminente;
Hião farinha comer
Do caso desprevenidos;
Succedia-lhes o inverso,
Porque ficavão comidos.
Entanto hum Rato já velho,
E de grande experiencia,
Qu' havia perdido o rabo
N'huma renhida pendencia,

Prático em mil escondrijos,
Fóra da tóca estendendo
A cabeça, ao ver o embrulho,
Disse, o focinho torcendo:
« Bem te vejo, amassadura;
« Mas fóra do meu buraco
« Só me verás quando fôres
« Em vez de farinha, sacco.
A justa desconfiança
He contra a desgraça escudo,
Engana-se raras vezes
Quem desconfia de tudo.

O LEÃO AMOROSO.

Quando os animaes fallavão,
E os homens selvagens erão,
Confundidos huns com outros
Amantes laços tecêrão;
Huma Rainha Cretense
Por hum Touro suspirou,
E hum Leão tambem Monarcha
Servil Serrana adorou;
Hum dia ao romper d'Aurora
N'hum bosque a tinha encontrado,
E por seus olhos brilhantes
Ficou de amor transportado.
Expoz-lhe seus sentimentos,
Mil colloquios lhe rendeo;
Mas a Serrana assustada
Nem palavra respondeo
Elle julgando ser pejo
O qu' era puro temor,

Offertou-lhe a mão de esposo
Do seu affecto em penhor;
Surrio-se a bella Serrana
D'ouvir tão doce expressão;
E tornou, que só seu Pai
Dispunha da sua mão.
Partio logo o Rei das féras
A' tosca humilde choupana,
Onde habitava o Camponio
Pai da modesta Serrana.
Expondo-lhe os seus intentos
Da filha a mão lhe implorou;
De ter hum Genro tão fero
O Serrano se assombrou!
Perturbado longo tempo
Hesitou na decisão;
Dar-lhe o — Sim — era desgraça,
E era risco dar-lhe o — Não. —
Mas hum grande aperto ás vezes
Ditosa lembrança apresta,
E naquelle em que se via,
Ao Serrano occorreo esta.
Disse « Eu ledo te entregára

« Minha filha, mas prevejo,
« Qu' hão de ferilla teus dentes
« Indo-lhe dar algum beijo.
« Tambem receio que possas
« Offendella, e magoalla,
« Com tuas pungentes unhas
« Quando fores abraçalla.
« Por tanto não ta concedo
« Sem saber se tu consentes,
« Que te decotem as unhas,
« E que te partão os dentes.
« Consinto, diz o Leão
Em cego amor inflammado:
Mas qual foi o seu destino
Quando ficou desarmado!
Disse-lhe então o Camponio,
Tendo hum cajado na mão:
« Vil, o arrojo pagarás
« Da tua atroz pertenção.
Eis saltão nelle á pancada,
Que resistir não podendo,
Envergonhado, e corrido
Foi logo pernas mettendo.

A cega credulidade
A mil desgraças conduz;
Mas ainda a paixão de amor
Maiores damnos produz;
Aos férvidos appetites
Nocivo culto offertamos,
Precipicios não tememos
Para obter o que estimamos.

O BURRO, E O DO'GUE.

Era huma vez hum Jumento
Que certa casa servia;
Na qual tambem muito nedeo
Hum Dógue formoso havia.
No silencio d'alta noute
O orelhudo comparava
A sua penosa vida
Com a que o Dógue levava.
Huma vez triste, e zangado
Entrou a dizer assim:
« Trabalho mais do qu' eu posso,
« E ninguem tem dó de mim!
« Esse Dógue, esse cachorro
« Passa vida regalada,
« Corre, pula, brinca, e dorme,
« Come, bebe, e não faz nada.
« Mas creio qu' elle desfructa
« Huma estimação tão alta,

« Porqu' assim qu' o Patrão chega
« Faz-lhe festa, gâne; e salta.
« E a mim talvez qúe me odeiem,
« Porqu' hum tanto sou casmurro,
« E trago impressa na frente
« Sempre tristeza de burro.
« De vida se mude; o instincto
« Qu' imite o Dógue me diz,
« Que fazendo o qu' elle faz
« Posso tambem ser feliz.
Constante neste projecto
Quebrando o cabresto hum dia,
Poz-se á espera, d'olho á lerta
A ver se o Patrão sahia.
Zurrando apenas o vio,
Nelle aos pinotes saltou,
Poz-lhe as patas sobre o peito,
E na calçada o lançou.
Depois entrou a lambello
Tal como o Dógue fazia;
Dava-lhe em defensa o dono
Murro, e couce, que fervia.
Depois que se pôde erguer,

Lançando mão de hum cajado,
Deo-lhe a deixallo por morto,
Julgando-o louco, ou damnado.
Assim pagou a imprudencia
Da sua louca invenção;
Cada qual tem seu instincto;
Ser burro não he ser cão.
Deveremos conhecer-nos;
Qu' álém de arrojo he leveza
Buscar transpor os limites,
Que nos pôz a Natureza.

O HOMEM, E O IDOLO DE PÃO.

Pela fama dos milagres,
Comprou hum certo Pagão
Hum Idolo de madeira,
Por bom preço n'um leilão.
Em casa o poz sobre hum Throno,
E para vello propicio
Lhe fazia d'alvas rezes
Hum, e outro sacrificio;
Com mil rogos lhe implorava
Cargos, filhos, interesses;
Mas tendo orelhas o Nume
Era surdo ás suas preces.
Reiterava os sacrificios
Com firmeza, e confiança,
E bem qu' em vão, nunca o Deos
Perdia a sua pitança.
Mas de baldar tantas preces
Hum dia desesperado,

Faz em cavacos ao Deos
A golpes d'impio machado.
  Cheio de ouro o achou por dentro,
E absorto exclama « Que tal!
« Já vejo qu' este Senhor
« Não se quer senão por mal.
  « Dentro em si tinha hum Thesouro,
« E que o guardava parece
« Só para aquelle profano,
« Qu' em pedaços o fizesse.
  Era este Idolo enganoso
Ao Sobreiro comparado,
Que de si não larga fructos
Se não he bem varejado.
  Homens ha quaes o tal Deos
Para os qu' os honrão inuteis,
E só rigor, e violencia
Tem força de os tornar uteis.

A GRALHA ENTRE OS PAVÕES.

Pavão, qu' andava na muda,
Sua plumagem largou,
E huma Gralha presumpçosa
Com ella o corpo adornou.
Entre hum rancho de Pavões
Atrevida se metteo,
Até qu' hum dos camaradas
A impostora conhecco.
Passou palra aos companheiros,
Qu' em cima della saltárão,
E não só o adorno alheio,
Mas o proprio lhe tirárão.
Voltou para as companheiras,
Que do successo informadas,
A banirão do seu rancho
Ao som de mil apupadas,
O que succedeo á Gralha
Aos homens póde convir;

Aquelle qu' o alheio veste,
O vem na Praça a despir.
Este caso, além do exposto,
Serve tambem de lição,
A todos os que procurão
Parecer mais do que são.

O RATO, E A RÃ.

Por devertir-se huma tarde
Hum Rato nédeo, e refeito,
Na margem d'huma lagôa
Passeava satisfeito.

Huma Rã, que d'entre huns juncos
Tão gordo o vê passear,
De o comer tem appetite,
Que o julga hum bello manjar.

Diz-lhe então « Vem aos meus lares
« Cêa, e função te darei.
O Rato sem mais demora
Prompto lhe torna: Eu irei.

A Rã na margem saltando
Com refinada malicia,
Do seu aquático Imperio
Lhe gaba a summa delicia.

Desta jornada lhe pinta
Novas futuras vantagens,

E o prazer, qu' aos seus daria
Contando as suas viagens.
O Rato sem mais ouvir
Entra n'agoa, e nadar ousa;
Porém de estorvo lhe serve
Hum limo, hum páo, qualquer cousa.
Põe remedio a tudo a Rã
Cavilosa, e de má fé,
Prende com delgado junco
A mão do Rato ao seu pé.
Então por elle puxando,
Qual se leva á sirga hum barco,
Dolosa ao sitio o conduz
Onde era mais fundo o charco.
Alli descarada busca
Afundallo sem piedade,
Contra o direito das gentes,
E leis da hospitalidade.
O Rato conjura os Deoses,
Razões sem conto lhe allega;
Mas a Rã surda a seus rogos
Só em matallo se emprega.
Das unhas se vale o pobre

Para defender a vida;
A Rã com elle mergulha,
Volta, puxa, salta, e lida.
Vendo hum Milhano o debate,
Cai-lhe em cima derepente,
Empolga a Rã, indo o Rato
Bem como sello pendente;
« Tenho, então disse o Milhano,
« Carne, e peixe que cear;
Mas roendo o Rato o junco
Cai n'agoa, e póde escapar.
A Rã victima foi só
Do seu embuste inhumano;
E o mal que fazer queria
Lhe fez o feroz Milhano.
Quasi sempre as impias tramas
Urdem o mal do inventor;
E mil vezes a perfidia
Recahe sobre o seu Author.

O RAPAZ, E O MESTRE.

Certa manhã de sueto
Rapaz, que andava na escola,
Foi para as margens d'hum rio
Fazer muita cabriola.
Faltando-lhe ambos os pés
Cahio n'agoa de repente,
E foi pelo rio abaixo
Levado pela corrente.
Hum verdejante Salgueiro
O fado lhe deparou,
A cuja verde ramagem
A's mãos ambas se agarrou.
O Mestre da sua escola
Então por alli passava:
« Acuda-me, Senhor mestre,
« O pequeno lhe gritava.
Elle n'hum tom de pedante
Em lugar de lhe acudir,

O Rapaz e o Mestre

Entrou logo a reprehendello
Por brincar, e por cahir.
« Deixa estar, já que te mettes,
Dizia, « nestas alhadas,
« Hei de rachar-te ámanhã
« As mãos com palmatoadas.
« Para soffrer destes brutos
« As asneiras, he preciso
« Não só paciencia de Jób
« Mas de hum Catão o juizo.
« Eu que sou hum — Non plus ultra —
« Em regras grammaticaes,
« Qu'hum verbo passivo, ou neutro
« Conjugo melhor que os mais;
« Que os tres generos distingo,
« Que sei sintaxe de cór,
« Mettido a soffrer crianças...
« Não ha desgraça maior!
Pedindo que o soccorresse
O rapaz o interrompia;
Mas elle sem attendello
Na prégação proseguia.
« Ai que morro! Senhor Mestre,

Grita o pequeno insoffrido,
« Já não posso! e larga as mãos
E he nas agoas submergido.
« Então prosegue o farfante:
« Póde haver maior tolice?
« Quiz antes morrer por máo,
« Qu'esperar qu'eu lhe acudisse.
Safou-se mui satisfeito;
Qu'hum pedante prégador
He o bicho mais inutil,
Que produz o Creador.
Dá tal peso a seus discursos,
Que se vir morrer seu Pai,
Sem que os finde certamente
Dar-lhe soccorro não vai.

O CAVALLO, E O VEADO.

Ledo cavallo fogoso
Pascia a relva d'hum prado;
Eis que chegando hum Veado
Tambem pastar procurou
Sofrego o Cavallo emtanto
Por ser Senhor mais antigo,
Deitar fóra do pascigo
Logo ao Veado intentou.
Eis virando-lhe a garupa
Jogou dura artilheria;
Mas a quem a dirigia
Hum só tiro não chegou.
Apenas o vio cançado,
Correo o Cervo a investillo,
E então depois de ferillo
Fóra do campo o lançou.
Eis ao viajante primeiro,
Que vio no campo, o Cavallo

Convidou para vingallo
Do Cervo, que o maltratou.
O homem póz-lhe hum duro freio,
Longa cilha, e coxim brando,
E em cima delle montando
Contra o inimigo trotou.
Terçando venablo agudo
Deo sobre o nedeo Veado,
Que ferido e maltratado
Depressa o campo deixou.
O Cavallo satisfeito
Lhe pedio que se apeasse,
E que o freio lhe tirasse,
Com que a boca lhe açamou.
Respondeo-lhe o Cavalleiro:
« De punir a tua offensa
« Hes tu proprio a recompensa;
« E agora teu dono sou.
Quiz o Cavallo arguillo;
Mas elle sem ouvir nada,
Pregando-lhe huma esporada
A casa logo o levou.
Por huma nescia vingança,

Prole vã da fatuidade,
Da posse da liberdade
Para sempre se privou.
He muitas vezes prudencia
Huma offensa disfarçarmos;
Que o furor de nos vingarmos
Sempre abismos nos cavou.

O LOBO, A MULHER, E O FILHO.

Voraz Lobo vio sahir
Huma vez de madrugada,
Do Casal d'hum Camponez
De rezes grossa manada.
Logo no dia seguinte
Foi-lhe á porta madrugar,
Na idêa de qu'á sahida
Podesse alguma apanhar.
Poz-se mui concho agachado
D'ouvido á lerta esperando,
Quando ouvio dentro da casa
Huma criança chorando.
E a Mãi dizer-lhe enfandada
« Calle essa boca mofino;
« Inda chora? Espere, ó Lobo
« Vem comer este menino.
Quando o Lobo tal ouvio,
Cheio de alegre alvoroço

Disse: « Immenso t'o agradeço,
« O Ceo te pague este almoço.
Depois empinado á porta,
Abrindo a vasta goela,
Suppoz que a Mãi lhe botasse
O filho pela janella;
Mas nisto escutou dizer
« Durma já, não seja máo!
« Se o Lobo quizer cá vir
« Havemos corrello a páo.
« Qu'inconsequencia tamanha!
Diz o glotão insoffrido,
« Ha de cumprir-me a promessa;
« Qu'o promettido he devido.
Nisto ao som de uivos horrendos
Na porta a rapar entrou,
De sorte qu' aos guardadores
Que dormião, acordou.
Eis de fouçes roçadouras,
De páos, e chuços armados,
Saltando-lhe logo em cima
Fizerão-o em mil bocados.
Da Villa ao Senhor levárão

A cabeça do aggressor,
Que a mandou, com esta letra,
Em meio da Praça pôr:
« Da nimia credulidade
« Victima foi este louco,
« Em ameaços de quem ama
« Deve-se crer muito pouco.

O VELHO, E SEUS FILHOS.

Hum velho sabio, e prudente
Vendo-se vizinho á morte,
Chama trez filhos que tem,
E falla-lhes desta sorte:
« Eia, vede amados filhos,
« Se quebrais por força, ou geito
« Este emblema; e tira hum molho
De varas de vime feito.
Ao filho mais velho o dá,
Que se propõe a partillo;
Mas por mais forças, qu'emprega
Nunca pôde conseguillo.
Pega-lhe o filho segundo,
Destro, e valente rapaz,
Que partillo não consegue
Por mais esforços que faz.
Entregão-no ao mais pequeno,
Que blazona de mui forte,

Torce-o, dobra-o, córa, e súa,
E deixa-o da mesma sorte.
« Fracos moços! diz o Pai,
« Vossa fraqueza celebro!
« Vede como desta idade
« Essas varas todas quebro.
Depois desatando o molho.
Prompto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Huma a huma as vai partindo.
E diz: « Vede neste exemplo,
« Filhos do meu coração,
« Os desastres da discordia
« E as vantagens da união.
« Partir não podeis, ó Moços,
« As varas, estando unidas;
« Mas depois de separadas
« São por fracas mãos partidas.
« Se unidos vos conservardes
« Assim, ó filhos, sereis,
« E aos baldões impios da sorte
« Sem custo resistireis;
« Mas se algum dia a desgraça

« Vos chegar a desunir,
« Qualquer de vós aos seus golpes
« Não poderá resistir.
Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E no fim de pouco tempo
Sua carreira termina.
Os filhos chorão-lhe a morte
Com lamentos deploraveis!
Porém lembrão-se mui pouco
Dos seus conselhos saudaveis.
Porque damnoso interesse
Em partilhas os envolve,
E hum credor, e outro credor
Os bens paternos dissolve.
Depois vomitando injurias
Huns contra os outros litigão,
E os Ministros com prizões.
E com multas os castigão.
Pobres por fim, noite, e dia
Com pranto, e queixas amáras
Recordão, mas sem remedio!
O sabio exemplo das varas.

A RAPOSA, (1) A CABRA; E A FILHA.

Contra a Raposa sabida
Huma Cabra prevenida,
A pastar sahir querendo
O fecho da porta erguendo,
A' sua prole querida
Assim disse, o mal prevendo:
« Agora, filha sincera,
« Que tenho qu' ir ao pascigo,
« Toma conta no que digo:
« Saberás qu'ha huma fera,
« Que Raposa tem por nome,
« A qual rouba, mata, e come,
« Pelos embustes que trama,

(1) De la Fontaine diz Lobo, e não Raposa; eu acho mais versosimil ser o caso passado com huma Raposa, do que com hum Lobo.

« Tenras Cabrinhas de mamma;
« E assim, filha, muito importa,
« Qu' em quanto a casa eu não venha
« A ninguem abras a porta,
« Sem que te dê esta senha:
— Máo fim a Raposa tenha
Mais a sua geração. —
Por alli passava então
Huma Raposa perversa,
Qu'ouvindo toda a conversa
De cór a senha aprendeo,
E vendo a Cabra sahir
Chegou-se á porta, e bateo,
Entrou a voz a fingir,
Dizendo « Pódes abrir,
« Cara filha, que sou eu;
E nisto a senha lhe deu.
A Cabrinha temerosa
Da voz estranhando o tom,
Lhe respondeo cautelosa:
« Amiga, seria bom,
« Antes qu'eu a porta abrisse,
« Qu'huma das tuas mãos visse;

« E por tanto o braço entorta,
« E vê se o pódes metter
« Aqui por baixo da porta,
« A fim de qu'eu possa ver
« Se he garra, ou unha o que tens;
« D'outra sorte errada vens.
Do qu'ouvio tonta a matreira
Replicou muito lampeira;
« Porque Raposas tem unha?
« Era o mesmo qu'eu suppunha,
A Cabrinha então clamou,
E no fecho carregou.
A Raposa presumida,
Tonta, pasmada, aturdida
De ver em tão pouca idade
Tamanha sagacidade,
Partio a tratar da vida;
E a Cabrinha acautelada
Escapou de ser tragada.
Quasi sempre a segurança
Serve aos mortaes de guarida,
E a sábia desconfiança
Mil vezes nos poupa á vida.

AVISO DE SOCRATES.

Socrates fez humas casas
De Athenas em certa rua,
Para nellas habitar
Co'a pouca familia sua.
Qu'erão baixas huns dizião,
E outros bastante elevadas,
E em summa convinhão todos
Em qu'erão muito apertadas:
« São apertadas, he certo,
Disse o Sabio « Mas eu sei,
« Que de amigos verdadeiros
« Cheias jámais as verei.
He mais raro do que a Fenix
Hum amigo verdadeiro;
Não ha nome tão sagrado,
Que seja mais corriqueiro.

ESOPO.

Com huma lanterna acceza,
A's horas do meio dia,
O Sabio, célebre Esopo
Da Grecia as Praças corria.
Levava o sapiente escravo
Immenso povo comsigo
Perguntárão-lhe « O que buscas?
Respondeo « busco hum amigo.
He quasi sempre a'mizade
Filha do baixo interesse;
Se se acaba a dependencia
Logo a'mizade fallece.

O ORACULO DE APOLLO, E O IMPIO.

Estúrdio Pagão hum dia
Inda mais impio que tolo,
Que pouco em seus Deoses cria,
Entrou no templo de Apollo
E assim ao Numen dizia:
« Para em ti, ó Deos, ter fé
« Cumpre, que digas de certo
« Se he cousa viva, ou não he
« O que nesta mão aperto.
Era hum Pardal que trazia,
E doloso pertendia
De repente suffocallo,
Ou incolume deixallo,
Segundo fosse a resposta,
Que do Oraculo obtivesse;
Fazendo huma cousa opposta
A'quella qu'elle dissesse.
Ardendo em furor activo

O Oraculo lhe responde:
« Mostra-nos, homem nocivo
« Esse Pardal morto, ou vivo,
« Que a tua mão nos esconde,
« E vê, sacrilego estulto,
« Qu'aos olhos dos sacros entes
« Nada póde ser occulto,
« Que se faça entre os viventes.
O Impio extatico ficou,
Mas de intuito não mudou;
Que o máo de ser máo só deixa
Nos momentos de terror,
Ou quando os olhos lhe fecha
Para sempre, o sacro Author.

A COTOVIA, E OS FILHOS.

Huma idosa Cotovia,
Na meiga flórea Estação,
Foi mais tardia qu'as outras
Na sua propagação;
Entre huma pingue seára,
Qu'estava quasi madura,
Tinha arranjado o seu ninho,
E feito a sua postura;
Já pelos ares se vião
De novas aves cardumes,
E inda os filhos da ronceira
Estavão todos implumes.
Já secca a seára estava,
E o dono da sementeira,
Vindo vella com seus filhos
Lhes fallou desta maneira:
« A'manhã começaremos
« A ceifar os nossos trigos,

« Convidai para ajudar-nos
« Todos os nossos amigos.
Forão-se; e póde julgar-se
Que susto não soffrerião
Os passarinhos infaustos,
Qu'ainda voar não podião.
Quando a mãi veio de fóra,
Disserão-lhe entre alaridos
« Não sabe, ó mãi, o que vai,
« Não sabe, estamos perdidos!
« Foi o dono destes pães
« Seus amigos convidar,
« Para ámanhã muito cedo
« A ceifa principiar;
« Os seus amigos! disse ella,
« A vossa agonia he vã,
« Socegai, dormi tranquillos;
« Que se não ceifa ámanhã.
Assim foi; que no outro dia
Os amigos não chegárão,
Que dando ao velho desculpas
Cortezmente se escusárão.
Voltou no dia seguinte

O dono, e entrou a dizer:
« Nossos amigos faltárão,
« E os trigos vão-se a perder.
« Para ámanhã começarmos
« Ide, ó filhos, diligentes,
« Dizer que venhão com fouces
« Todos os nossos parentes.
Novos sustos, novas ancias
Os passarinhos tiverão,
E apenas a mãi chegou
Logo tudo lhe disserão.
« Elle convida os parentes!
Disse a esperta Cotovia,
« Pois sabei, qu'inda ámanhã
« A ceifa não principia.
Passou-se a manhã, e a tarde,
E nenhum appareceo,
Respondendo que devião
Primeiro ceifar o seu.
Então no outro dia o dono
Disse « Em nós só confiemos,
« Eu, e vós, e os nossos moços
« A'manhã começaremos;

« Ide, ó filhos, comprar fouces
« Hoje mesmo no mercado,
« Qu'espero, qu'em breve tempo
« Vejamos tudo ceifado.
Quando a Cotovia esperta
Vio esta resolução,
Disse « O' filhos, logo, e logo
« Deixai esta habitação.
Promptamente os filhos todos
Cuádas, e voltas dando,
Atraz da mãi aos saltinhos
Se forão logo safando.
Em menos de tres semanas,
Até sem muita canceira,
Estava já debulhado
O trigo dentro da eira.
O velho então conheceo,
Vencendo a sua demanda,
A força deste ditado:
« Quem quer vai, quem não quer manda.

O AVARO QUE PERDEO O SEU THESOURO.

Com fadigas, com trabalhos
Hum miserrimo avarento,
Faltando ao proprio sustento
Pôde hum thesouro ajuntar,
E receando algum roubo
O foi n'hum campo enterrar.
Em triste desasocego
De noite pouco dormia,
E apenas amanhecia,
Hia-o logo visitar;
O que repetia sempre
Até o dia acabar.
No fim de cada semana,
Lá de noite, o malfadado
Tudo que tinha ganhado,
Hia ao thesouro additar;
E passava horas, e horas
Sem dormir, nem descançar.

Demorou-se huma vez tanto
Nesta empreza o louco avaro,
Que já era dia claro,
E inda estava a trabalhar;
De tal sorte que foi visto
Por hum Pastor do lugar.
Apenas se foi o avaro
O pastor sedento de ouro,
Foi onde estava o thesouro,
E entrou na terra a cavar;
Deo com elle, pôllo ás costas,
E mui fresco poz-se a andar;
Eis qu'ao sitio em breve tempo
Voltou prompto o ancioso avaro,
E do seu thesouro caro
Achou sómente o lugar;
Ceos! que prantos, que lamentos!
Quer fugir, quer-se matar!
Ouvio-lhe hum serio viajante
O chôro desatinado,
E do motivo informado
Lhe disse em muito bom ar:
« Não tinhas casa, avarento,

« Para o teu ouro guardar?
« Perder de vista o que se ama.
« He erro crasso, he ser tonto;
« Não o tinhas lá mais prompto
« Quando o quizesses gastar?
« N'huma afflicção, n'hum repente,
« Como o havias ir buscar?
« Quem? eu gastar o meu ouro!
Lhe respondeo o avarento,
« Que com tanto soffrimento
« Tenho podido ajuntar!
« Para tal não tinha forças,
« Antes de mingoa estalar.
« Ah! tornou-lhe o caminhante,
« Modera tanta agonia;
« Teu ouro de que servia,
« Se o não havias gastar?
« Suppõe que to não roubárão,
« E põe terra em seu lugar;
« De que serve a posse do ouro,
« Se uso delle não fazemos?
« Urgencias iguaes soffremos
« A's qu'o pobre ousa passar;

« Quem não quer, ou quem não póde,
« Sempre deixa de gozar.

A TAINHA, E O PESCADOR.

Huma pequena Tainha,
Qu'inda não era fataça,
Na margem d'huma ribeira
Cahio em dolosa naça.
O Pescador quando a vio,
Lhe disse « E's pequena assás,
« Mas fazes numero, á noite
« De cêa me servirás.
« Tem dó de mim, clamou ella,
N'hum tom de vós muito agudo.
Qu'este caso foi no tempo,
Em que inda fallava tudo;
« Tem dó de mim, proseguio,
« Torna-me n'agoa a lançar,
« E quando eu for mais crescida,
« Pódes-me então apanhar,
« De que te sirvo eu agora
« Nesta minha pequenhez?

« Sou hum mesquinho bocado,
« Que se engole d'huma vez;
« Por alto preço me pódes
« Quando eu for grande vender;
« Ou ter em mim tres jantares
« Se me quizeres comer.
O Pescador lhe tornou,
« Fallas verdade, bem sei;
« Mas antes hum — toma lá —
« Do que dois — eu te darei. —
« Tu, e algumas irmãs tuas,
« Qu'inda hoje espero pescar,
« Hão de servir-me esta noite,
« Qu'as hei de fritas cear;
« Talvez que mais te não visse,
« Se te soltasse piedoso;
« He tolo quem deixa o certo
« Pelo que está duvidoso.

AS ORELHAS DA LEBRE.

Conta-se qu'em noite escura
Certo animal corni-fronte
Pôde ferir á traição,
Junto da encosta d'hum monte,
O Rei das feras Leão;
Que em despique mandou logo
Banir por ordens legaes,
Para horror de tal delicto,
Os bi-cornes animaes
De todo aquelle districto:
Bois, Veados, Cabras, todos
Que na frente armas trazião,
Aquelles sitios deixavão;
E os que logo o não fazião,
Dura morte supportavão!
Notando tímida Lebre
Cumprirem-se leis tão cruas,
Na sombra hum dia observando

As longas orelhas suas,
Disse a hum grillo titubando:
« Ai! qu'estas minhas orelhas
« Por chifres se tomarão!
« E se houver hum delator
« Qu'o vá dizer ao Leão,
« Da lei me exponho ao rigor!
« Tu fazes de mim pateta?
« Falla, tola; pois he crivel,
Lhe disse o Grillo em bom ar,
« Qu'hum pár de orelhas flexivel
« Possa por chifres passar?
« Sim (disse ella) e por que não?
« Tenho-os visto mais pequenos.
Tornou-lhe o Grillo « Vaidosa!
« Se os teus fumos fossem menos,
« Serias mais venturosa.
« Quem és conhece, e descança;
« Porque sempre que suppomos,
« Pela vaidade que temos,
« Ser aquillo, que não sômos,
« Mil incommodos soffremos.

A RAPOSA DERRABADA.

Huma ladina Raposa
Cahio em certa armadilha,
(Que sempre as tece o Diabo!)
E foi grande maravilha
Ficar apenas sem rabo:
Com tal pêrda envergonhada,
De a cohonestar busca a idéa;
E as socias vendo huma vez
Juntas em grande assembléa,
Lhes disse muito cortez:
« Sabei qu'os cães destes sitios,
« Qu'ha dias tenho encontrado
« Por esta campina toda,
« Tem cércio o rabo cortado,
« Que me faz crer qu'isto hé moda;
« Se hé moda; (fallo-vos sério)
« Nunca vi cousa mais util!
« De que serve dizei vós,

« Trazermos hum pezo inutil
« Pendurado atraz de nós?
« Hum rabalhão gadelhudo,
« Que nos faz calma no estio,
« E lá pelo inverno todo
« Nos dobra, e exaspera o frio,
« Ou cheio de agoa, ou de lodo?
« Por tanto eu vos aconselho,
(E deixemos questões futeis)
« Qu'o rabo cortemos todas;
« Pois quando as modas são uteis,
« He util seguir as modas.
Huma Doutora do rancho,
Mestra em astucias antiga,
Lançando-lhe a vista em roda
Lhe diz « Ora aposto, amiga,
« Que tu já usas da moda?
« Deixa ver, dá meia volta.
Eis qu'então a derrabada,
Disfarçar-se não podendo,
Ao som de grande assoada,
Indo ás gambias foi correndo.
Quem de hum delicto affronteso

Em si o ferrete imprime,
Com achar parceiros conta;
Crendo qu'a mancha do crime,
Sendo usual, pouco affronta.

A VISTA DE QUEM HE DONO.

Hum tímido Veado
Por ímpios Cães instado,
Foi n'hum curral de Bois
Buscar piedoso abrigo,
E escudo ao seu perigo.
Hum Boi disse « O' vizinho,
« Vai, segue o teu caminho,
« Melhor asylo busca.
Tornou-lhe o Cervo assim:
« Irmão, tem dó de mim!
« Lá fóra anda hum Cachorro,
« Que se me apanha eu morro!
« Aqui ficar me deixa,
« Qu'em premio hum bom pascigo
« Te indicarei, amigo.
Calou-se o Boi, e entanto
O Cervo poz-se a hum canto;
Trouxerão érva os moços,

Entrárão, e sahirão,
E o hospede não virão.
Já livre se julgava
Do susto qu'encarava;
Poz-se a comer no feno,
E junto á manjadoura
Foi rede varredoura!
Hum Boi lhe disse então:
« Em risco estás, irmão!
« Qu'esse homem de cem olhos
« Não veio ind'hoje aqui;
« E a vir, pobre de ti!
O tímido Veado
Foi pôr-se alapardado
Entre huma carga d'érva;
E entrou nella a comer
Por tempo não perder.
Chegou pouco depois
O dono a ver os Bois,
Dos moços precedido;
E hum tanto carrancudo
Poz-se a ralhar por tudo:
« Levanta esse aguilhão,

« A canga está no chão,
« Feno ao mourisco deita;
« Parece est'érva pôca,
« Aqui ha outra boca!
Deitando ao lado os olhos,
Vio entre os verdes molhos
Hum galho d'armadura
Do tímido Veado,
Qu'estava acaçapado;
Então lhe disse « O' lá!
« Você tambem por cá!
« Comendo o pasto aos bois!
« Espere « e c'um forcado
Deo morte ao malfadado!
Tem mais vista, ou melhor,
Os olhos de hum Senhor,
Do qu'os dos seus criados;
Porqu'o proprio interesse
As vistas esclarece.

O CAVALO, E O LOBO.

Na linda estação das flores,
A's horas do meio dia,
Brioso, esperto Cavallo
A verde relva pascia.
D'hum bosque vizinho hum Lobo
Botando-lhe o lúzio, diz:
« Quem te comer essas carnes
« He por extremo feliz!
« Ah! que se fôras Carneiro,
« Ou mesmo Burro, ou Vitella,
« Já marchando me andarias
« Pelo estreito da guela;
« Mas és hum Castello! e assás
« Temo a tua artilheria!
« Vou bloquear-te, e do engano
« Fazer fogo á bateria.
Então do bosque sahindo
Em passo lento, e miudo,

De largo diz ao Cavallo:
« Camarada, eu te saúdo;
« Respeita em mim hum Galeno,
« Que passa a vida a curar,
« Que das ervas as virtudes
« Sabe aos morbos applicar;
« Apósto que tens molestias,
« E porque na cura errárão,
« Tomar ares para o Campo,
« Como he uso, te mandárão;
« Se quizeres que te cure,
« Ficarás são como hum pêro;
« — Gratis, — que bem entendido,
« Paga de amigos não quero.
O cavallo conhecendo
A malicia do impostor,
Diz-lhe « o Ceo lhe pague o bem
« Que me faz, senhor Doutor;
« He verdade qu'eu padeço
« Ha nove dias, ou dez,
« Hum tumor, e huma ferida,
« Tudo nas unhas dos pez.
« Bem qu'essa doença toque

« A' Cirurgia sómente,
Diz o Lobo « eu nesse ramo
« Sou hum pratico imminente!
Torna-lhe o fingido enfêrmo;
« Pois então, senhor Doutor,
« Chegue-se a mim, qu'eu me volto,
« Venha apalpar-me o tumor.
« Pois não, filho! diz-lhe o Lobo,
E a fim de o filar se chega;
Mas de repente o Cavallo
Dois grandes couces lhe prega;
Acerta-lhe pela frente,
Faz-lhe o focinho a'hum bôlo;
E o Lobo exclama « He bem feito!
« Quem me manda a mim ser tolo?
Mette pernas como pôde,
Dizendo hum tanto enfadado:
« Como a breca as arma! fui
« Buscar lã; vim tosqueado.
« De carniceiro a Ervanario
« Quiz passar sem qu'estudasse;
« Levei da toleima o premio;
« Cada qual para o que nasce.

O LAVRADOR, E SEUS FILHOS.

Lavrador já vizinho da morte
A seus filhos fallou desta sorte:
« Filhos meus, hum conselho vou dar-vos,
« De qu'haveis toda a vida lembrar-vos;
« Não vendais a fructifera terra
« De meus Pais, fausta herança qu'encerra
« Hum thesouro, qu'em dote lhes coube,
« Mas o sitio em qu'está nunca eu soube;
« Qu'elle existe, e que o ha sei de certo,
« Mas por vós deve ser descuberto;
« Removei o terreno, lavrai-o,
« Com desvelo a miudo cavai-o,
« E em ditosas colheitas obtendo,
« Do thesouro porções ireis vendo.
Morto o velho, os seus filhos ficárão,
E o paterno conselho abraçárão;
Os seus campos tão bem revolverão,
Que feliz sementeira tiverão;

Todo o enfasi então descobrirão
Dos paternos dictames, e virão,
Recebendo feliz porção de Ouro,
Qu'he no mundo o trabalho hum thesouro.

A MONTANHA PARINDO.

Orguida montanha
Parir pertendendo,
Fez bulha tamanha,
Clamor tão horrendo,
Qu'o mundo aturdio;
Por fim hum agoado
Ratinho infezado
Foi quanto pario.
Taes contos dirão,
Qu'a todos competem,
Que muito promettem,
E nada nos dão.

A FORTUNA, E O RAPAZ.

D'hum poço na borda,
Ao longo deitado,
Rapaz indiscreto
Dormia engolfado
No somno mais doce,
Bem como se fosse
Em molle colchão:
  Qualquer que o fizesse
Mais annos contando,
Iria do poço
Ao fundo bailando;
Eis passa a Fortuna
Na mais opportuna
Feliz conjunção;
  Desperta o pequeno
Com todo o carinho:
« A vida te salvo,

Lhe diz, « ó louquinho!
« Mas tem mais cautela,
« Não busques sem ella
« Jámais protecção:
« Se acaso morresses
« No poço afogado,
« De tal infortunio
« Quem era o culpado?
« Talvez que dissessem
« Qu'eu era, e tivessem
« De ti compaixão:
« Se aos damnos succumbe
« Quem busca o perigo,
« Desculpão-se logo
« Os homens comigo;
« Por suas loucuras,
« Se tem desventuras,
« A culpa me dão;
« Suppõe esses loucos
« No seu desatino,
« Obterem desculpa,
« Culpando o Destino;
« Infaustos revezes

« São fructo mil vezes
« Da má propenção.

O LOBO FEITO PASTOR.

O Lobo por conhecido
Vendo fugir-lhe a ventura,
Da nova trama se lembra
De disfarçar a figura;
Toma os trajes de Pastor
Veste pellico, e gibão,
Seu rabel, sua sanfonha,
E a tiracol hum surrão.
De hum cajado se apodera,
E em seu chapéo desabado,
Podendo escrevêra « Eu sou
« Guilhot, Pastor deste gado.
Desta fórma contrafeito,
Pé ante pé se encaminha
Para o sitio onde o rebanho
Remoe a tosada ervinha.
O verdadeiro Guilhot
A somno solto dormia,

O Lobo feito Pastor

Dormia o rabel com elle,
E o mesmo o seu Cão fazia.
Huma parte do rebanho
Dormia á sombra igualmente:
O nosso hypócrita sonso
Já se baba de contente.
Para poder conduzir
Todo o gado a seu sabor,
Quer unir ao traje as vozes,
Quer fingir as do Pastor.
Mas este apuro do engano
Lhe deita o caso a perder;
Que o som da vóz pavoroso
Faz o campo estremecer.
Espavoridos acordão
O gado, o Pastor, e o Cão,
E ao mascara conhecendo,
Ao lombo logo lhe vão;
Que vendo-se em calças pardas
Pelos factos impedido,
Nem fugir, nem deffender-se
Ao menos lhe he permittido.
Com a vida paga o dólo;

Que anda o fingido arriscado
A ser por qualquer descuido
Conhecido, e castigado.
Cança-se em vão quem pertende
Seu natural encubrir;
Porqu'ou mais tarde, ou mais cêdo
Lhe hade a mascara cahir.

OS MEDICOS.

Certo Medico chamado,
D'alcunha o Tanto-melhor,
Foi visitar hum doente,
Do qual o Tanto-peor
Era Medico assistente;
O ultimo, sempre funesto,
Qu'o doente morreria
Altamente sustentava,
E o Tanto-melhor dizia
Qu'o pobre enfermo escapava;
Houve sobre o curativo
Mui grande contestação;
Hum applicava calmantes,
O outro armava huma questão
A favor dos irritantes.
No fim de tanto debate
O enfermo a vida perdeo,
E o Tanto-peor clamou:

« Vejão qual de nós venceo?
« Se o meu calculo falhou?
Tornou-lhe o Tanto-melhor,
(Mostrando hum vivo pezar:)
« Pois eu sempre affirmarei
« Que morreo por não tomar
« Os remedios, qu'indiquei.
Em quanto a mim, se os tomasse
Morrer havia igualmente;
Mas he desgraça maior
Cahir hum pobre doente
Nas mãos d'hum Tanto-peor.

A GALLINHA, QUE PUNHA OS OVOS DE OURO.

Hum homem tinha
Huma Gallinha,
Que Juno bella (1)
Por desenfado
Tinha fadado:
Vivia ella
Dentro d'hum côvo,
E punha hum ôvo
D'ouro luzente
Em cada hum dia,
Que valeria
Seguramente

(1) Carecia-se da razão, por que a Gallinha punha os ovos de ouro; esendo fadada por Juno já fica verosimil.

Dobrão e meio;
Mas o Patrão
Hum dia cheio
D'impia ambição,
Foi-se á Gallinha,
E degolou-a.
Examinou-a;
Porque suppunha
Qu'em si continha
Rico Thesouro,
Visto que punha
Os Ovos de ouro;
Mas nada achou!
E por avaro
Se despojou
Do rico amparo
Que nella tinha;
Outra Gallinha
Jámais topou
Com tal condão;
E assim pagou
Sua ambição.

O JUMENTO QUE LEVÁVA RELIQUIAS.

Hum pobre Sendeiro
Reliquias levava
A sitio remoto,
E o povo devoto
Quando elle passava
Mil cultos lhe dava;
Inchando-se o estulto,
Julgou presumido,
Que todo este culto
Só era devido
A' sua pessôa;
E teve tal prôa
Com esta illusão
O paparrotão,
Que sendo hum selvagem,
De grã Personagem
Fumaças criou:
Huma tal, qu'observou

A vã presumpção
Do fôfo asneirão,
Só digno d'insultos,
Assim lhe fallou:
« Vê bem qu'esses cultos,
« Que os homens te dão,
« Com que vil mazombo
« Tão concho te fazes,
« Sáó só ao que trazes
« Em cima do lombo.
Ao fôfo Jumento
Serão comparados
Alguns Potentados
De xoxo talento,
Que são respeitados
Só pelo ornamento,
De qu'andão cercados.

O VEADO, E A VINHA.

Por Cães, e por Caçadores
Corrido hum Cervo selvagem;
D'huma Vinha entre a folhagem
Escondendo-se; escapou;
Apenas suppoz o ingrato
Estar fóra do perigo,
No seu bemfazejo abrigo
A comer logo saltou;
Tendo as videiras despido
Todo ficou descuberto,
E dos Cães, qu'andavão perto,
Cercado, e prezo ficou.
Neste aperto, disse o ingrato:
« Bem mereço este castigo!
« Prostrei quem me dava abrigo,
« Quem minha vida amparou!
Morreo! deixando hum exemplo,
Na sua morte inhumana,

A quem o asylo profana,
Qu'a vida lhe conservou.

A SERPENTE, E Á LIMA.

Conta-se qu'huma Serpente
D'hum Serralheiro (1) vizinha
Esfomeada, e mesquinha,
Na loja á noite lhe entrou.
Correo tudo, e não achando
Em que da fome se exima,
Poz-se a roer n'huma lima,
Qu'alli primeiro encontrou.
Esta sem que se agastasse,
Lhe disse « Roe-me, ó Serpente,
« Verás depois qu'o teu dente
« Ha de sentir quem eu sou.
Assim foi! rombos ficárão
Os dentes á Serpe dura,
Que desde aquella aventura

(1) No original he Relojoeiro.

Sempre a roer lhe custou.
Comvosco fallo, ó vãos Zoilos,
Vãos de talento, e de estudo,
Mas que ousais morder em tudo
Quanto ás vossas mãos chegou:
São Ouro as obras do Sábio,
Se as roeis, roeis vãmente;
Não se imprime o vosso dente,
No que a Fama eternizou.

O LEÃO, E O PASTOR.

Sendo furtado hum Cordeiro
Por féro voráz Leão;
O basofio Pegoreiro,
Cheio de raiva, e paixão
Clama « O' Jove justiceiro,
« Se me entregas o ladrão,
« Dou-te o mais gordo Cordeiro,
« Que tenho no meu rebanho;
« Ah! que se entre as mãos te apanho,
« Traidor, que o meu odio excitas,
« A' força de bordoada
« Faço-te o corpo em selada.
Palavras não erão ditas,
Quando vê d'hum arvoredo
Sahir o bravo Leão!
Eis convulso o fanfarrão,
Ficando a tremer de medo,
Olha d'hum e d'outro lado,

Para poder descubrir
Algum tronco onde subir;
Mas teme ser apanhado.
Em tão fera collisão
Exclama « O' Jove Sagrado,
« Eu te offertei hum Carneiro
« Se o ladrão me descubrisses;
« Agora o rebanho inteiro
« Te dava se me acudisses.
O generoso Leão
Observando hum tal receio,
Teve delle compaixão,
E voltou por onde veio.
Lances de aperto, e de horror
A pedra de toque são,
Onde ou fraqueza, ou valor
Signaes de si logo dão.
Defronte do contendor
Redobra o forte a coragem;
E o fraco blazonador
Muda ao vêllo de linguagem.

A PERDIZ, E A LEBRE.

Huma Perdiz, e huma Lebre
No mesmo campo habitavão,
E em vindo a Perdiz ao chão
Ambas muito conversavão.
A Lebre ás nuvens erguia
De seus pés a ligeireza;
Louvava das azas suas
A perdiz a fortaleza.
Mas ao campo veio hum dia
Matilha de Cães de caça,
E a Lebre foi esconder-se
Temendo alguma desgraça;
O Esperto, e o Fusco, podengos
De olfacto muito subtil,
Pela pista farejando
Derão promptos no covil;
Era o terreno arenoso;
E logo tanto rapárão,

Que arrombando a fragil toca
A pobre Lebre apanhárão;
A perdiz tudo observando,
Qual as amigas modernas,
Disse « He bem feito, pacovia,
« De que te servio ter pernas?
« Tantas vezes celebraste
« Tua grande ligeireza,
« E sem que hum só pulo désses
« No covil ficaste preza.
Em quanto a Perdiz mofava
Do qu'a mísera passou,
Parado, c'os olhos nella
Hum Perdigueiro observou;
Já de sustos perturbada
Batendo as azas fugio;
Mas o Cão destro correndo,
Bem que de longe, a seguio:
Cançada pousou n'hum monte,
E elle sobr'ella correo;
Tornou-se a erguer, perseguio-a,
Cançou-a, e morte lhe deo.
Se em quanto em pilhar a Lebre

A matilha se empregava,
Tivesse a louca fugido,
De certo á morte escapava.
Zombarmos do mal alheio
Foi sempre loucura atróz;
Que nos póde vir por casa,
E então zombarem de nós.

O BURRO VESTIDO COM A PELLE DO LEÃO.

Quebrando a pêa
Fôfo Sendeiro,
Fugio ao dono
Qu'era moleiro;
Dentro de hum bosque
O fanfarrão
Achou a pelle
D'alto Leão;
Em toda a parte
D'ella vestido,
Por Leão féro
Era temido;
Homens, e brutos
O respeitavão,
Fugião logo
Qu'o divisavão:
Mas das orelhas

Huma pontinha
De fóra ao Burro
Ficado tinha;
Foi vista acaso
Pelo moleiro,
Que julgou logo
Ser o Sendeiro;
Indo-lhe ao lombo
Com hum cajado,
Punio o arrojo
Do mascarado;
Do tolo rindo
Despio-lhe a pelle,
Poz-lhe huma albarda
E montou nelle.
Tal entre os homens
Mil se conhecem,
Os quaes são huns,
E outros parecem.
Despem-lhe a pelle
Que os faz troantes,
Ficão Sendeiros
Como erão d'antes.

O RATINHO, E A MÃI.

Certo Ratinho inda novo
Lá da toca onde nasceo
A vez primeira sahio,
E quando se recolheo
Contou á Mãi quanto vio.
Disse « apenas sahi fóra
« Para o casal mais vizinho,
« Trotando me encaminhei,
« Metti-me n'hum buraquinho,
« E dalli tudo espreitei:
« Vi, ó Mãi, dois grandes bichos,
« Differentes na figura,
« Defronte de mim andar,
« Hum respirava doçura,
« O outro fez-me trepidar!
« Este d'hum morro vermelho
« Ornava a cabeça esguia,

« Qu'as orelhas tinha em baixo;
« Só com dois dentes comia,
« Tendo por cauda hum pennacho.
« Andava em dois pés, e tinha
« Em cada perna hum ferrão;
« Em si c'os braços bateo,
« Desatou vóz de trovão,
« Que de horror me estremeceo!
« Pelo contrario o primeiro,
« Era da nossa figura,
« Com modestia passeava,
« Tinha meiguice, e doçura
« Na mansa vóz que soltava;
« Era o seu rosto redondo,
« Barba irsuta, olhos luzentes,
« Curta orelha, e nariz chato,
« Ralos, e brancos os dentes,
« Quasi era o nosso retrato:
« Tanto me encantou seu modo,
« Que fóra a seus braços ter,
« Se a tal féra impia, e feroz,
« Me não fizesse deter
« Com susto da sua voz.

« Ai! filho, a Mãi lhe tornou,
« Quanto a'parencia te engana!
« Essa figura adoravel,
« He d'huma féra tyranna,
« Nossa inimiga implacavel!
« Se lhe cahisses nas unhas,
« Em postas serías feito!
« Finge doce mansidão,
« Chama-se Gato, e no peito
« Guarda hum feroz coração!
« He differente o segundo
« Que te deo susto mortal!
« Tendo hum aspecto feroz,
« Se nos vê não nos faz mal,
« E he benigno para nós:
« Gallo se chama, e nos póde
« Servir de pasto alguns dias;
« Olha como te enganavas!
« Ao bom por susto fugias,
« Ao máo por gosto buscavas;
Huma doçura affectada
He fructo da hypocrisia.
Sirva ao mundo esta lição:

Quem de aparencias se fia,
Gosta da sua illusão.

A RAPOSA, O MACACO, E OUTROS ANIMAES.

Havendo a tyranna Parca
Tirado á vida ao Leão,
Das vastas selvas Monarcha,
N'huma occulta solidão,
Os animaes se ajuntárão;
Do Cofre a c'roa tirárão,
De qu'era guarda hum Dragão,
A pleno voto assentárão,
Qu'a fronte, em qu'ella servisse,
Desde logo a possuisse:
Mil Animaes se apromptárão,
E a c'roa á fronte levárão,
Porém a nenhum servia;
Hum por ter a testa esguia,
Outro por ser cabeçudo.
Notando o Macaco tudo,
Bem qu'inda fraco se visse

D'huma grande macacôa,
Tomou entre as mãos a c'roa,
E com muita macaquisse,
Posto que mal lhe servisse,
Na cabeça a collocou.
Tanto ao congresso agradou
Sua apparente viveza,
Gestos, esgares, destreza,
Que por seu Rei o acclamou.
Festas houve, e mascaradas,
Touros, danças, cavalhadas,
Luminarias pelos campos,
Postas pelos Perilampos;
Tudo em prazer se inundou!
Só a Raposa prudente,
Ficou assás descontente,
Mas seu enojo occultou,
E ao Rei novo a mão beijou.
De trez mezes no decurso
Nada o Mono feito havia;
Acavallo sobre hum Urso,
Com gaifonas todo o dia,
Do governo se esquecia.

Eis a Raposa matreira,
Observando surrateira
Tal porte, desordem tal,
Quiz pôr termo a tanto mal:
Certo dia muito cedo,
Foi ao Palacio Real,
E disse ao Rei em segredo,
Qu'hum thesouro occulto havia,
De que só ella sabia,
E qu'a sua Magestade
Por direito pertencia.
Desta feliz novidade
O Rei ficou tão contente,
Que se dignou ternamente
A dar-lhe hum férvido abraço;
E da esperta em companhia
Mesmo a pé sahio do Paço:
N'huma floresta sombria
Entrárão em breve espaço;
E disse a Raposa qu'era
Onde o thesouro existia:
O Mono sem mais espera
N'hum covil qu'ella apontou

Foi logo metter o braço,
Mas enredado ficou:
Assim que prezo no laço
A cavillosa o pilhou,
A conselho os Animaes
A' quelle sitio chamou;
E o Rei prezo lhes mostrou:
Dizendo-lhes: « Vede alli
« Do vosso engano os signaes,
« Cahio no laço qu'urdi
« Por ser nescio, e reflecti,
« Que reger não póde os mais
« Quem tão mal se rege a si.
O congresso qu'até'li
Occultava o seu desgosto,
Vendo fausta occasião,
Exclamou: » Seja deposto;
E deposto foi então.
Porém como se temia
A desgraça d'anarchia,
Elevou-se outro Leão
N'outro clima produzido
Para Rei daquelle pôvo;

Que bem qu'era Leão novo,
Para Rei tinha nascido:
A noticia da eleição
A Raposa lhe levou
Primeiro do que ninguem:
Agradeceo-lha o Leão;
Veio a pé sem nenhum trem,
Tomou posse, e reinou bem.
Apparencias de juizo,
Ser alegre, ter bom ar,
Não he só o qu'he preciso
Para reger, ou reinar:
Cumpre qu'haja tolerancia,
Rectidão, discernimento,
Inteireza, vigilancia,
Cultivado entendimento,
A's lisonjas vãs ser môco,
Ouvir muito, e crer em pôco.
O que taes dons ajuntar
Póde o mundo governar.

O MACHO, E O BURRINHO.

Da sua Nobreza
Vivia enfunado,
Hum Macho de sella
D'hum gordo Prelado;
Hum dia o farfante
Assim blazonava
C'hum velho Burrinho,
Qu'ao pé lhe ficava:
« Meu pai foi da raça
« Do Duque de tal,
« Servio muitos annos
« Na Casa Real;
« Tambem meu avô
« No Paço vivia,
« E d'ouro, e veludo
« Jaêzes trazia;
« Mas sendo eu tão nobre
« Estou companheiro,

« Por minha desgraça,
« D'hum pobre Sendeiro.
« O' lá sô Fidalgo!
Lhe torna o Burrinho,
« Você já se esquece
« De qu'he meu sobrinho?
« Que foi minha irmã
« A mãi que o pario,
« A qual n'huma nora
« Dos peitos abrio?
« Seu pai meu cunhado,
« De quem nos blazona,
« Morreo trabalhando
« Em pobre atafona;
« Pois esse ricaço!
« Que foi seu avô,
« Debaixo d'albarda
« A vida acabou.
Embora hum bazofio
Seu nada engrandeça;
Porem nunca avilte
A quem o conheça.

O VELHO, E O BURRO.

Hum velho, qu'hia montado
No seu Burro hum certo dia,
Passou por hum verde prado,
Onde clara fonte havia;
E como sede trazia,
Para beber se apeou.
Solto o Jumento ficando,
Sem o pezo que levava,
Já corria retouçando,
Já na relva se espojava;
E n'alegria em qu'estava,
Zurros immensos soltou;
Eis de ladrões chusma brava,
D'hum bosque por entre os ramos,
Já perto se devisava;
« Ai! que perdidos estamos!
« Ladrões te ouvirão, fujamos,
O velho ao burro gritou;

« Vê que nos prendem se tardas.
Tornou-lhe o Burro em socego:
« Põe elles duas albardas?
« Menos grão? maior carrego?
« Pois se a peorar não chego,
« Deste lugar não me vou;
« He de crer que procurasse,
« Se acaso escolher pudesse,
« Quem de mim melhor tratasse;
« Mas isto não acontece,
« E he só do meu interesse
« Ficar melhor do que estou;
« A ventura do tyranno
« Ao tyranno só agrada,
« Se não minora o meu damno,
« Se hei de ter vida cançada,
« Bem pouco me importa, ou nada
« Ser, ou não ser de quem sou.

O VEADO, E OS CÃES.

N'huma fonte que corria,
Certo dia,
Hum estólido Veado
Retratado
No cristal puro se via;
Em segredo
Celebrava a celsa frente
Adornada lindamente
D'hum ramifero arvoredo;
Mas se a frente celebrava,
Lamentava
A magreza assás mesquinha,
Que nas longas pernas tinha,
Que podião parecer
Quatro fusos de torcer.
Eis que nisto
Hum Sabujo mui previsto
Deo com elle;

O levissimo Veado
Assustado,
Por querer salvar a pelle,
Metteo pernas tão ligeiro,
Qu'o Rafeiro
Já mui longe lhe ficava;
E escapava,
Se entrar n'huma selva escura
Não quizesse o miserando;
Qu'a cornífera armadura
Encalhando
Entre os ramos da espessura,
O prendia,
Lugar dando ao qu'o seguia,
Que chegasse,
E no lombo lhe ferrasse.
Os seus chifres esgalhados
Tão louvados,
Que lhe ornavão tanto a frente,
Lhe impecêrão totalmente
O proveito,
Que seus pés lhe tinhão feito;
Mal olhados

Por esguios, e delgados.
Neste aperto se desdisse
Sem conforto
O Veado semimorto,
E maldisse
D'armação, que vio na testa,
A belleza seductora,
Que lhe fôra
Tão funesta!
Muitas vezes maldizemos
O qu'he util,
E o vistoso engrandecemos
Bem que futil,
Eis o exemplo demonstrado
No Veado.

A LEBRE, E A TARTARUGA.

« Apostemos, disse á Lebre
A Tartaruga matreira,
« Qu'eu chego primeiro ao alvo,
« Do que tu, qu'és tão ligeira.
« Cala a boca, toleirona,
Lhe disse a Lebre mofando,
« Ou tens perdida a cabeça,
« Ou comigo estás zombando.
Respondeo-lhe a Tartaruga:
« Nisso me dás a entender,
« Que receias apostar;
« Porque não queres perder.
« Pois tu vã, qu'és huma lesma,
« Queres competir co'a Lebre?
« Isso he doença, estás varia,
« Provem do effeito da febre;
« Eu que por huma charneca
« Corro dos Galgos em frente,

« Qu'os canço, sem que me possão
« No lombo ferrar o dente;
« Havia temer a quem
« Gasta hum'hora em dar hum passo?
Retrucou-lhe a Tartaruga
Com todo o desembaraço:
« Leva, amiga, de bazofias,
« Desculpas não valem nada;
« Se tem medo não aposte;
« Porem dê-se por cangada. »
« Ando no mar, e na terra;
« Sei muito bem o qu'he mundo;
« Propuz-me a'postar comtigo
« Porque sei no que me fundo.
« Pois vá feito, diz a Lebre;
« E aquelle velho sobreiro
« Seja a meta, e leve o premio
« A que chegar lá primeiro;
« De juiz não percisamos;
« Porqu'eu na meta vou pôr
« As apostas, que serão
« Da primeira que lá for.
Eis vai cumprir o qu'ajusta,

E volta n'hum breve prazo;
Não digo o que foi a'posta,
Porque isso não vem ao caso.
  Dado o signal da partida,
Estando as duas a par,
A Tartaruga começa
Lentamente a caminhar;
  A Lebre tendo vergonha
De correr diante della,
Tratando huma tal victoria
De peta, ou de bagatella,
  Julga, cheia de vaidade,
Qu'inda tempo lhe sobeja,
Se entrar a correr, já quando
Perto do sobreiro a veja;
  Deita-se, e dorme o seu pouco;
Ergue-se, e põe-se a observar
De que parte corre o vento,
E depois entra a pastar;
  Eis deita huma vista d'olhos
Sobre a caminhante sorna,
Inda a vê longe da meta,
E a pastar de novo torna,

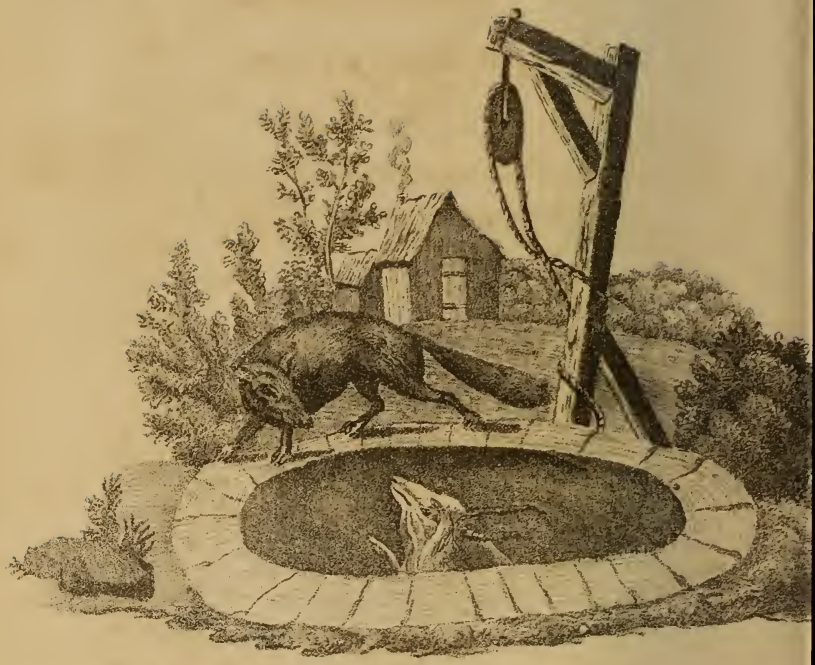
Olha; e depois qu'a vê perto,
Começa a sua carreira;
Mas então apressa os passos
A Tartaruga matreira;
A' meta chega primeiro,
Apanha o premio apressada,
Pregando á Lebre vencida
Huma grande surriada.
Não basta só haver pósses
Para obter o qu'intentamos;
He perciso pôr-lhe os meios,
Quando não atrás ficamos:
O contendor não desprezes
Por fraco, se te investir;
Por qu'hum anão acordado
Mata hum gigante a dormir.

O BURRO, E OS DONOS.

O Burro de hum Ortelão
A' Sorte se lamentava,
Dizendo que madrugava,
Fosse qual fosse a estação,
Primeiro qu'os resplandores
Do Sol trouxessem o dia.
« Os Gallos madrugadores,
(O nescio Burro dizia.)
« Mais cêdo não abrem olho,
« E porque ? por ir á Praça
« C'huma carga de Repolho,
« Hum feixe d'Aipo, ou Labaça,
« Alguns Nabos, e Bringellas;
« E por esta bagatellas
« Me fazem perder o somno.
A Sorte ouvio seu clamor,
E deo-lhe em breve outro dono;
Qu'era hum rico Çurrador:

Eis de couros carregado,
Soffrendo hum cruel fedor,
Já carpia ter deixado
O seu antigo senhor:
« Naquelle tempo dourado,
Dizia « andava eu contente;
« Cada vez que hia ao mercado
« Botava á cangalha o dente,
« Lá vinha a Couve, a Nabiça,
« A Chicarola, o Folhado,
« E outras castas de Ortaliça;
« Mas se hoje fraco do peito
« O meu dente á carga deito,
« Em vez da viçosa rama
« Da Celga, do Grelo, ou Nabo,
« Só acho dura courama,
« Que fede mais qu'o Diabo!
Prestando ás queixas do Burro
A Sorte alguma attenção,
Lhe deo por novo Patrão
Hum Carvoeiro casmurro.
Entrou em nova afflicção
O desgostoso Jumento,

Vendo faltar-lhe o sustento,
E em negro pó de carvão
Andando sempre afogado,
Tornou a carpir seu fado.
« Que tal! diz a Sorte em furia,
« Este maldito Sendeiro
« Com sua eterna lamuria
« Mais me cança, mais me aflige
« Qu'hum Avaro aventureiro,
« Quando fortunas me exige;
« Pensa acaso este imprudente,
« Que só elle he desgraçado?
« Por esse mundo espalhado
« Não vê tanto descontente?
« Já me cança este marmanjo!
« Quer qu'eu me occupe sómente
« Em cuidar no seu arranjo?
Foi justo da Sorte o enfado,
Qu'he propenção do vivente
Lamentar-se do presente,
E chorar pelo passado:
Que ninguem vive contente,
Seja qual for seu estado.



O Raposo e o Bode.

O RAPOSO, E O BODE.

Hum Grã Capitão Raposo
D'intonso, e ruço bigode,
Foi passear certo dia
Com seu amigo Dom Bode.
O qual da familia as Armas
Trazia na frente audaz,
Tendo tanto de pacovio
Quanto o amigo de sagaz.
Grande sêde ambos levavão,
Que lhes tinha feito o almoço:
Eis que virão meio de agoa
Hum velho pequeno poço.
Sem reflectir em mais nada
Dom Bode abaixo saltou,
Pouco depois o Raposo
Assim que hum pouco pensou.
Depois que á farta bebêrão
Quizerão logo ir-se embora;

Mas era a difficuldade
Poder sahir para fóra.
  Estava a Biblia intrincada;
Mas sempre em casos de aperto
Ousa sahir bem, á custa
Do que he tolo, o mais esperto:
  « Amigo estamos perdidos!
Disse o Bode ao companheiro,
« Não estamos, verás logo,
Tornou-lhe o amigo matreiro.
  « Junto á parede te impina
« Onde o poço he menos alto,
« Qu'eu ponho os pés nos teus chifres,
« As mãos firmo, e fóra salto.
  « Assim qu'em cima estiver
« Lanço-te a garra ao pescoço,
« Por ti puxo, e ficaremos
« Ambos nós salvos do poço.
  « Por minhas barbas eu juro,
O outro diz banhado em pranto,
« Que he dita achar hum amigo,
« Como tu, de engenho tanto.
  « Onde o bocal he mais baixo

« Eu me empino, trepa agora;
O Raposo assim o fez,
E n'hum pulo se vio fóra.
Apenas se encontrou safo.
Disse: « Tem paciencia amigo,
« O querer-te salvar fôra
« Expôr-me a novo perigo;
« Se te desse iguaes ás barbas
« Talentos a Natureza,
« D'entrar dentro deste poço
« Não terias a leveza.
« Ora Adeos, qu'eu vou-me embora;
« Trabalha por te safar,
« Qu'eu tenho muitos negocios
« Não me posso demorar.
Pagou Dom Bode a toleima,
Que sempre tem que sentir
Quem faz cousas sem pensar
No que póde sobrevir.

O SOL, E AS RÃS.

Querendo o Sol casar-se,
As Rãs, quando o souberão,
A Jupiter fizerão
Humilde petição;
Dizendo « Não consintas,
« O' Jupiter Sagrado,
« Que mude o Sol d'estado;
« Que tenha geração;
« Porque se elle sozinho
« Com seu calor intenso
« Nos faz hum damno immenso
« Na cálida estação;
« Em tendo Esposa e prole,
« Seus novos successores,
« Com fervidos calores
« O mundo abrazarão:
« Seccando-se as lagôas,
« As fontes, e as correntes,

« Os nossos descendentes
« A vida acabarão.
Ouvindo Jove as preces,
Negou consentimento
Do Sol ao casamento,
A's Rãs em attenção.
Aquelle que previne
Qu'o mal se reproduza,
Prudente evita, e escusa
De horrores profusão.

O HOMEM, E A SERPENTE.

Hum moço encontrou
Dormente
Serpente,
Qu'o gelo enervou.
A casa a levou,
E logo
Do fogo
Mui perto a chegou.
A vil se animou,
Qu'em breve
Da neve
O effeito acabou;
A cauda annelou;
Erguendo,
E torcendo
O collo, silvou:
A quem a salvou
Do corte

Da morte
Matar intentou.
O moço tomou
Pezado
Machado,
E ao meio a cortou.
A ingrata acabou
Partida,
Co'a vida
Seu crime expiou.
O ter caridade
He da humanidade
Hum sacro dever;
Porém não a ter
Com feras ingratas
He d'almas sensatas.

O LEÃO DOENTE.

Hum Leão vendo-se enfermo,
Passa aviso a seus Vassallos
De qu'á vida vai pôr termo,
E qu'intenta aconselhallos
Sobre a regencia futura,
Dar-lhes beijamão, e honrallos.
Dos Leões á fé lhe jura,
Que trata bem qualquer fera,
Que o visita, e que o procura;
Porém na furna as espera,
E quando alguma entrar ousa,
Logo a mata, e dilacera.
Eis huma esperta Rapôsa
Pára, e diz, sem qu'entre lá:
« Xau! qu'eu observo huma cousa!
« Pégadas mil aqui ha;
« Mas para lá todas vão,
« E nenhuma para cá;

« Saude, Senhor Leão!
« Quero-me á gloria eximir
« De beijar-lhe a regia mão;
« Porque jurei jámais ir
« A qualquer casa, ou lugar,
« Vendo só por onde entrar,
« E não por onde sahir.
Foi reflexão mui subida
Esta que fez a Raposa;
Qu'he loucura desmedida
Entrarmos em qualquer cousa
Sem ver se temos sahida.

O PASSARINHEIRO, O MILHANO, E A COTOVIA.

Passarinheiro sagaz
Laços n'hum campo estendia,
E com espelho falláz
Simples aves illudia.
Huma leve Cotovia
Enganada alli pousou,
E hum Milhano que a seguia,
Baixando, a triste empolgou;
Deo voltas, prezo ficou
Não menos qu'em laços trez;
Eis ao caçador clamou
Mais bravo do que cortez:
« Porque me prendes os pés,
« Insano, que mal te fiz?
« Foi o mesmo que te fez,
Lhe disse elle, « essa infeliz.
Entre a classe dos humanos

Ha muitos destes Milhanos;
Que o mal qu'aos outros fomentão,
Quando lho fazem, lamentão.

O CAVALLO, E O BURRO.

Hia hum Burro carregado,
E na sua companhia
Hum Cavallo tambem hia,
Sem carga ledo a saltar:
« Ajuda-me, disse o Burro,
« A levar este carrego,
« Senão á Villa não chego,
« Que já me sinto espirar!
« Da minha carga metade
« He para ti bagatella;
« Levando-a brincas com ella,
« E eu posso allivio encontrar.
Fazendo mofa do Burro
O Cavallo por tolice,
Deo dois pinotes, e disse.
« Sendeiro, vai bugiar.
Sem alento, afadigado,
Calou-se o pobre Burrinho;

Eis em meio do caminho
Cahio por arrebentar!
Veio o dono, e do seu Burro
Lamentou a infausta sorte;
Mas ao Cavallo esta morte
Não veio pouco a custar!
Que pondo-lhe toda a carga,
Por mais lhe cheirar a esturro,
Albarda, e pelle do Burro,
Foi constrangido a levar.
Quem a pequena tarefa
O corpo esquiva por manha,
A's vezes vem-lhe tamanha,
Que lhe custa a supportar:
Valer n'afflicção aos outros
He dever da humanidade;
Não lhe acudir he maldade
Qu'o Ceo costuma vingar.

O CÃO VENDO A SUA IMAGEM N'AGOA.

Anado passava
Hum claro ribeiro
Avaro rafeiro;
Na bôca levava
De carne hum tassalho
Furtado n'hum talho:
Do Rio no fundo
Notou insensato
Seu proprio retrato;
Julgou furibundo
Ser outro o que via,
E carne trazia:
Tirar-lha querendo,
Largou o bocado,
Que tinha furtado;
Mergulhos fazendo,
E foi providencia
Salvar a existencia.

He ser ambicioso,
Além d'inexperto,
Deixar pelo certo
O qu'he duvidoso.

O CARRETEIRO ATOLADO.

Por caminho apaúlado,
Mui barrento, e mal gradado,
O seu carro conduzia,
Que trazia
D'erva, e feno carregado
Inexperto Carreteiro:
Por incuria o desgraçado
N'hum grandissimo atoleiro
Enterrar deixou seu gado:
Era longe o povoado,
E não vinha caminheiro,
Qu'o ajudasse, e lhe acudisse:
De afflicção desesperado
Se maldisse!
E exclamou todo inflammado:
« Vem ó Hércules sagrado,
« Acudir-me pressuroso,
« Pois que já sobre o costado

« Sustentaste o Ceo formoso,
O teu braço vigoroso
« Se me acode,
« Este carro tirar póde
« Do atoleiro.
Deste modo se carpia
O Carreiro,
Quando ouvio huma voz forte,
Que não longe lhe dizia
Desta sorte:
« Se quizeres que te valha,
« Mandrião, lida, trabalha,
« Examina donde vem
« Esse estorvo que te encalha,
« Ou detem:
« Salta acima desse carro,
« E tirando-lhe hum fueiro,
« De redor lhe arreda o barro;
« Bota pedras no atoleiro,
« Calça as rodas, e depois
« Põe-te á frente, e pica os bois.
Tudo fez o Carreteiro
Que lhe tinhão ensinado;

E ficou muito pasmado,
Quando vio surdir á vante
O seu carro do lameiro:
« He milagre, exclamou logo,
« Ouvio Hércules prestante
« O meu rogo,
« E evitou-me o precipicio:
« Graças mil, Numen propicio!
Acabando
De fallar apenas hia,
Outra voz em tom mais brando
Lhe dizia:
« Confiar na providencia
« Para obter o qu'intentamos
« Sem qu'os meios lhe ponhamos
« He demencia.
« Nada obtem quem não procura;
« Que foi sempre a diligencia
« Mãi da solida ventura.

A DISCORDIA.

Por certo pomo a Discordia,
Foi do alto Ceo desterrada,
E pela muita embrulhada,
Qu'entre as Deidadas teceo:
Onde habitão cultos povos,
Qu'ha leis, sciencia, e polîcia,
Com refinada malicia
A Deosa atroz se acolheo;
Seu irmão comsigo trouxe,
Que Sim-e-não, se appellida;
Trouxe o Author que lhe deo vida,
Que se chama Teu-e-meu.
Desprezou, só por honrar-nos,
Ao nosso antípoda rude,
Que incensos queima á virtude,
Não tendo nem meu, nem teu;
Que Leis não conhece, e casa
Sem Notario, ou Sacerdote;

Qu'a mulher só traz o dote,
Qu'a Natureza lhe deu.
Quando Jove, não com raios,
Punir os mortaes queria,
Guerras a Deosa accendia,
Qual na Grecia as accendeo;
A fama, em sendo preciso,
Tinha a seu cargo chamalla;
Mas de quasi em vão buscalla
Muito a Fama se offendeo.
Pedio a Jove qu'á Deosa
Huma habitação fixasse,
Para que quando a chamasse,
Não perdesse o tempo seu.
Jove hum domicilio certo
Quiz qu'a Discordia escolhesse,
Indicou-lhe o do interesse;
Buscou ella o de Hymeneo.
Por isso quando o Consorcio
Doura os laços, qu'Amor urde,
A damnar a indigna surde
Quanto Amor de gloria encheo.

A VIUVA.

Sempre d'hum Esposo a perda
Com pranto se condecora;
Porem nas azas do tempo
A saudade se evapora.
Ha differença mui grande,
Cem mil vezes observada,
Entre a Viuva de hum de dia,
A' de hum anno comparada;
Acreditar-se não póde
Que seja a mesma pessôa;
Huma encanta quando falla,
Outra chorando magôa;
Aquella amores inspira,
Esta commove á piedade;
Huma historia agora conto
Em prova desta verdade.
O Esposo d'huma belleza
Poz á doce vida ponto,

E a sua joven metade
Fez desatinos sem conto.
Exclamava, ó caro Esposo,
Ouve espera qu'eu te sigo!
Chamar no sepulcro a morte
Quero abraçada comtigo!
Recebe estes ais ardentes,
Em quanto a minh'alma anciosa,
Solta da prizão mundana,
Não vai bucar-te saudosa.
Hum sabio pai tinha a joven,
E ao vêlla em tanta oppressão,
Intentou com mil caricias
Minorar sua afflição:
« Basta, disse, ó cara filha,
« Basta: agora te pergunto,
« Se offuscares teus encantos
« Póde dar vida ao defunto?
« Pois que pertences aos vivos
« Nos mortos não penses mais;
« Tu pódes ter outro Esposo,
« Que tenha encantos iguaïs;
« Não digo que já, por quanto

« O mundo murmurador
« Avalia o sentimento
« Pelo nosso exterior;
« Porem passado algum tempo
« Posso-te dar hum Esposo
« Joven, esbelto, engraçado,
« Rico, docil, e amoroso.
« Ah! meu Pai, tornou-lhe a bella,
Cheia de viva amargura,
« O Esposo que me compete
« He huma triste clausura!
« Perdi o prazer da vida
« Quando perdi meu consorte!
« Só terá fim meu tormento
« Nos frios braços da morte.
O Pai calou-se deixando-a
Entregue ao seu sentimento;
Que querer calar o afflicto,
He augmentar-lhe o tormento:
Passado o primeiro mez
Já pouco chorava a bella;
Ria ao segundo, ao terceiro,
Passava o dia á janella;

Ao quarto o luto era enfeite;
E do quinto por diante
Risos, amores, e graças
Lhe brincavão no semblante.
Deste defunto adorado
O Pai já pouco temia,
Té que vendo o seu silencio,
A bella lhe disse hum dia:
« Meu terno Pai, dai-me o Esposo,
« Que me tendes promettido,
« Qu'o defunto não se queixa
« De qu'eu tenha outro marido.
« Não era, lhe disse o Pai,
« Só o claustro o Esposo teu?
Tornou-lhe a filha enfadada:
« Meu Pai, quem morreu, morreu.

A ONÇA, E O LEÃO.

Cruel feróz Onça
N'um ermo certão
Havia brigado
Com fero Leão.
Passado algum tempo
O Rei generoso
Achou-a dormindo,
N'hum bosque frondoso.
Abrio por tres vezes
As garras em vão;
Qu'achou ser baixeza
Matalla á traição.
Deixando-a brioso,
Do sitio voltou;
Mas nisto a perversa
Do somno acordou.
Em cima do lombo
Hum pulo lhe deo,

E o ventre co'as garras
Feróz lhe rompeo.
O Rei da espessura
Esforços baldou;
Por ser generoso
A vida acabou.
Quem seu inimigo
Poupar pertender,
Nas mãos tarde, ou cedo
Lhe vem a morrer.

O HOMEM, O CÃO, E A GALLINHA.

Deo hum dia em casa hum homem
Dois pontapés no seu Cão
Não sei porque; mas he crivel
Que não forão sem razão.
Ganindo muito o Caxorro
Se foi metter na cozinha,
E sentou-se ao pé d'um côvo
Onde estava huma Gallinha:
Alli fez immensas queixas
Da má vida que passava,
E ao seu tyranno Senhor
D'impio, e de injusto accusava.
A Gallinha lambareira
Lhe disse n'hum certo ár:
« Se o caso fosse comigo
« Eu havia-me vingar.
« Como? perguntou-lhe o Cão;
E ella tornou-lhe a dizer:

« Como? inda tu mo perguntas?
« Isso não tem que saber.
« Quando elle vier á noite,
« Põe-te na escada estendido;
« Porque ao subir tropeçando,
« Leva hum tombo desmedido.
« Fingindo que o desconheces,
« Então com elle embrulhado
« Pódes mordello a teu gosto,
« E ficas mui bem vingado.
Tudo assim aconteceu
Qual a Gallinha o pintou,
O pobre patrão cahio,
E tres dentadas levou.
Ao som do tremendo baque
Logo os de casa acudirão,
E em braços, como em charola,
Para a cama o conduzirão.
Quizerão-no pôr a caldos;
E a Gallinha lambareira
Do máo conselho, que deo,
Foi a victima primeira.
Igualmente impune o Cão

Não ficou do arrojo seu,
Que levou tosa tamanha,
Que no outro dia morreu.
Quasi sempre hum máo conselho
Fez a ruina, e fará
Tanto de quem o recebe,
Como daquelle que o dá.

O SOLDADO, E O SEU MAJOR.

Hum Soldado tendo sido
Muitas vezes sem razão
Pelo seu Major punido,
Em qualquer occasião,
Que do Major se fallava,
Sem injuria, nem motêjo,
« Deos lhe dê, sempre clamava,
« O qu'eu para mim desejo!
O Major que soube hum dia
O qu'o Soldado expressava,
Quando fallar delle ouvia,
Foi direito á Companhia,
E chamando-o junto a si,
Lhe disse em mui bôa fé:
« Homem, dize-me o que he
« Que desejas para ti,
« Qu'appeteces igualmente
« Para o teu Sargento-mór?

Eis o soldado prudente
Lhe disse « Baixa « Senhor.

O MEDICO, E O CALCETEIRO.

Hum Medico troão, que tinha sege,
Porem qu'em Medecina era hum herege,
Mandou calçar hum dia,
Por certo Calceteiro,
A sua Estrebaria,
Dando-lhe logo á conta algum dinheiro;
E pago, e cheio do seu chocho estudo,
Metter querendo colherada em tudo,
Sem que previsse o trôco,
Ao Mestre disse hum tanto carrancudo:
« Estas pedras, amigo, unem bem pouco!
« Humas baixas estão, e outras mais altas.
« Descance, o gírio Mestre lhe responde,
« Qu'a terra tapa, e esconde
« Não só as suas, mas as minhas faltas.

A RAPOSA, E O LOBO. (1)

« Compadre, (contão que ao Lobo
Disse a Raposa huma vez)
« Pari dois filhos; e agora
« Não mos comas por quem és.
« Não, Comadre, está segura
(Logo o Lobo lhe tornou)
« Que nunca em damno de amigos
« O meu dente se embotou.
« Lembra-me inda aquelle Inverno,
« Em que tão doente andei,
« Que dos teus roubos e traças,
« Comadre, me sustentei.
« Mas he preciso que delles

(1) A invenção desta Fabula, e da seguinte he do Traductor, e vem no 1.° Vol. das suas Composições Poeticas.

« Me dês agora os signaes,
« Para isentallos da morte
« Quando for comer os mais.
De gosto com tal promessa
A Raposa regougou;
E catando-lhe huma orelha
Desta sorte lhe fallou.
« De todos os Raposinhos,
« Que hasde, Compadre, encontrar,
« Os mais nédeos, mais formosos
« São os meus, não tens que errar.
Com estes signaes sómente
O Lobo se despedio;
E logo em busca de preza
A's vastas brenhas partio.
Em huma idionda furna
Aonde a fome o levou,
Mui feios, sujos, e auguados
Dois Raposinhos achou.
« Não são os da minha amiga
« Pelos signaes que me deu.
Disse, e lançando-lhe as garras
Ambos matou, e comeu.

Eis entra a Raposa, e clama
Vendo o successo: « Ai de mim!
« Ai de mim! negro Compadre,
« Que aos filhos meus déste fim.
« Tão incessante rogar-to,
« Ai triste! não me valeo.
Mas nisto o prudente Lobo
Severo lhe respondeo.
« Pelos signaes que me déste
« Os teus filhos não comi;
« E se estes erão teus filhos
« Então queixa-te de ti.
O muito que tudo nosso
Com excesso nos apraz,
Quasi sempre he quem no mundo
Mil prejuizos nos faz.

OS LADRÕES.

Em noite escura, e chuvosa
Subir d'huma Quinta o muro
Vil Ratoneiro tentava,
E o corpo em vão balançava
N'humas piteiras seguro.
Julgava que o Fazendeiro
A casa não tinha vindo,
E qu'os moços descuidados,
Estarião descançados
A somno solto dormindo.
A mesma ideia formando
Tambem outro Ratoneiro
Da Quinta rodeava o muro,
Até que cego do escuro
Topar vem no companheiro.
« Quem he? lhe pergunta a medo:
E o outro: « Não me conheces,
Lhe torna: « Sou teu amigo

« Foi ventura o dar comtigo,
« Estimo bem que viesses.
« Ora ajuda-me a subir
« Antes que nos sinta alguem,
« Porqu'eu assim que trepar
« Do muro a mão te heide dar
« Para que subas tambem.
« Deste predio o rico espolio
« Roubaremos a seguro.
Disse: e o companheiro ousado
Em taes razões confiado,
O ajuda a subir ao muro.
Mas quando em cima se apanha,
Sem pejo á promessa falta:
Lugar mais baixo procura,
As mãos a hum tronco segura,
Firma os pés, e em terra salta.
« Vil, desta sorte me enganas?
O outro lhe clama enraivado;
« Queira o Ceo, que alguem te sinta:
E elle já dentro da Quinta
Lhe torna assim descarado:
« Companhia não careço,

« E como enganar-te pude,
« Busca, ou segue outro caminho,
« Que eu posso roubar sozinho,
« Não precizo quem me ajude.
Disse, e logo avante parte:
Porem os cães o sentirão,
E tanto motim fizerão,
Que os moços todos se erguêrão,
E á Quinta armados sahirão.
O triste que tal pressente,
Volta ao muro de corrida,
Tenta subillo, e não pode,
Brada: « Amigo a hum triste acode,
« Qu'intentão roubar-lhe a vida.
Vingativo o companheiro,
Que estava ao muro visinho,
Isto ouvindo, assim o investe:
« Sozinho roubar quizeste,
« He bem qu'o pagues sozinho.
Nisto em chusma entre alaridos
Os moços com elle derão,
O corpo lhe desmembrárão,
E assim que morto o julgárão,

Fora da Quinta o puzerão.
Passado hum pequeno espaço,
Forçando os vitaes alentos,
Em quanto luta co'a morte
Clama afflicto desta sorte,
A voz truncando a momentos:
« Eis o premio de meus crimes,
« N'ambição fazendo estudo
« Perco a vida sem soccorro,
« Vivi pobre, e pobre morro:
« Tudo perde quem quer tudo.

FIM.

INDICE

das

FABULAS.

A Formiga, e a Cigarra . . . . Pag. 21
O Corvo, e a Raposa . . . . . ,, 24
A Rã, e o Boi . . . . . ,, 26
Os dous Machos . . . . . ,, 28
O Lobo, e o Gozo . . . . . ,, 30
O Leão em Sociedade com a Ovelha, a Cabra, e a Novilha . . . . . ,, 35
O Amor proprio . . . . . ,, 38
A Andorinha, e os Passarinhos . . . ,, 42
Os dous Ratos, hum do campo, e o outro da Cidade . . . . . ,, 46
O Lobo, e o Cordeiro . . . . . ,, 52
Os Ladrões, e o Burro . . . . . ,, 54
Simónides Poeta protegido pelos Deoses ,, 56
O Homem ancião, e as duas pertendentes de diversas idades . . . . . ,, 61

O Moscardos, e as Abelhas . . . . ,, 64
O Gallo, e a Perola . . . . . ,, 67
O Sobreiro, e a Cana . . . . . ,, 69
O Conselho dos Ratos . . . . . ,, 72
O Lobo pleiteando contra o Raposo perante o Macaco . . . . . ,, 76
Os dous Touros, e a Rã . . . . . ,, 78
O Morcego, e as duas Doninhas . . . ,, 80
O Lenhador . . . . . ,, 83
A Ave ferida de huma flecha . . . . ,, 85
A Podenda, e a Companheira . . . ,, 87
A Aguia e o Escaravelho . . . . . ,, 90
O Leão e o Mosquito . . . . . ,, 95
Os dous Burros carregados . . . . ,, 98
O Leão, e o Rato . . . . . ,, 101
A Pomba, e a Formiga . . . . . ,, 103
O Astrologo . . . . . ,, 105
A Lebre, e as Rãs . . . . . ,, 107
O Raposo, e o Gallo . . . . . ,, 110
A Aguia, e o Corvo . . . . . ,, 113
O Pavão queixando-se a Juno . . . . ,, 115
O Homem e a Cata . . . . . ,, 117
O Burro, e o Leão Cagador . . . . ,, 120
A Raposa, e a Cegonha . . . . . ,, 122
O Velho, o Rapaz, e o Burro . . . . ,, 126
As Rãs pedindo hum Rei . . . . . ,, 129
A Aguia, a Porca, e a Gata . . . . ,, 132

O Bebado, e a Mulher . . . . . ,, 136
O Lobo, e a Cegonha . . . . . ,, 139
O Leão e a Pintura. . . . . ,, 141
A Mulher teimosa afogada. . . . . ,, 142
O Leão de longa idade. . . . . ,, 145
A Dóninha na despensa . . . . . ,, 147
A Raposa, e as uvas . . . . . ,, 150
O Gato, e o Rato velho . . . . . ,, 152
O Leão amoroso . . . . . ,, 156
O Burro, e o Dógue. . . . . ,, 160
O Homem, e o Idolo de páo . . . . ,, 163
A Gralha entre os Pavões . . . . . ,, 165
O Rato, e a Rã . . . . . ,, 167
O Rapaz, e o Mestre . . . . . ,, 170
O Cavallo, e o Veado . . . . . ,, 173
O Lobo, a Mulher, e o Filho . . . ,, 176
O Velho, e seus Filhos . . . . . ,, 179
A Raposa, a Cabra, e a Filha . . . ,, 182
Aviso de Socrates. . . . . ,, 185
Esopo . . . . . ,, 186
O Oraculo de Apollo, e o Impio . . ,, 187
A Cotovia, e os Filhos . . . . . ,, 189
O Avaro que perdeo o seu thesouro. . ,, 193
A Tainha, e o Pescador . . . . . ,, 197
As Orelhas da Lebre. . . . . ,, 199
A Raposa derrabada . . . . . ,, 201
A vista de quem he dono . . . . . ,, 204

O Cavallo, e o Lobo . . . . . ,, 207
O Lavrador, e seus Filhos . . . . . ,, 210
A Montanha parindo . . . . . ,, 212
A Fortuna, e o Rapaz . . . . . ,, 213
O Lobo feito Pastor . . . . . ,, 216
Os Medicos . . . . . ,, 219
A Gallinha que punha os ovos de ouro . ,, 221
O Jumento que levava reliquias . . . ,, 223
O Veado, e a Vinha . . . . . ,, 225
A Serpente, e a Lima . . . . . ,, 227
O Leão, e o Pastor . . . . . ,, 229
A Perdiz, e a Lebre . . . . . ,, 231
O Burro vestido com a pelle do Leão . ,, 234
O Ratinho, e a Mãi . . . . . ,, 236
A Raposa, o Macaco, e outros animaes . ,, 240
O Macho, e o Burrinho . . . . . ,, 245
O Velho, e o Burro . . . . . ,, 247
O Veado, e os Cães . . . . . ,, 249
A Lebre, e a Tartaruga . . . . . ,, 252
O Burro, e os Donos . . . . . ,, 256
O Raposo, e o Bode . . . . . ,, 259
O Sol, e as Rãs . . . . . ,, 262
O Homem, e a Serpente . . . . . ,, 264
O Leão doente . . . . . ,, 266
O Passarinheiro, o Milhano, e a Cotovia . ,, 268
O Cavallo, e o Burro . . . . . ,, 270
O Cão vendo a sua imagem na agoa . . ,, 272

O Carreteiro atolado . . . . . ,, 274
A Discordia . . . . . ,, 277
A Viuva . . . . . ,, 279
A Onça, e o Leão . . . . . ,, 283
O Homem, o Cão, e a Galinha . . . ,, 285
O Soldado e o seu Major . . . . . ,, 288
O Medico, e o Calceteiro . . . . . ,, 290
A Raposa, e o Lobo . . . . . ,, 291
Os Ladrões . . . . . ,, 294

FIM DO INDICE.

Deacidified using the Bookkeeper proce
Neutralizing agent: Magnesium Oxide
Treatment Date: Jan. 2008

PreservationTechnologi
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVAT
111 Thomson Park Drive
Cranberry Township, PA 16066
(724) 779-2111

LIBRARY OF CONGRESS
0 020 893 835 6